

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

SOPHIA FELIZOLA DE BRITO

**OS THINK TANKS E A IMPORTAÇÃO DO IDEÁRIO ULTRALIBERAL: Estudo de
caso sobre a Atlas Network e institutos parceiros no Brasil.**

JOÃO PESSOA - PB

2023

SOPHIA FELIZOLA DE BRITO

OS THINK TANKS E A IMPORTAÇÃO DO IDEÁRIO ULTRALIBERAL: Estudo de caso sobre a Atlas Network e institutos parceiros no Brasil.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação de
Relações Internacionais da Universidade
Federal da Paraíba como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais. Orientador:
Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira

JOÃO PESSOA-PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B862t Brito, Sophia Felizola de.

Os think tanks e a importação do ideário
ultraliberal: estudo de caso sobre a Atlas Network e
institutos parceiros no Brasil / Sophia Felizola de
Brito. - João Pessoa, 2023.

82f. : il.

Orientação: Túlio Sérgio Henriques Ferreira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Ultraliberalismo. 2. Movimentos ultraliberais. 3.
Think tanks. 4. Atlas Network. 5. Institutos liberais.
6. Política nacional. I. Ferreira, Túlio Sérgio
Henriques. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

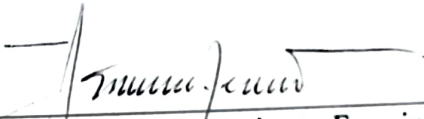
SOPHIA FELIZOLA DE BRITO

OS THINK TANKS E A IMPORTAÇÃO DO IDEÁRIO ULTRALIBERAL: ESTUDO DE CASO SOBRE A ATLAS NETWORK E INSTITUTOS PARCEIROS NO BRASIL

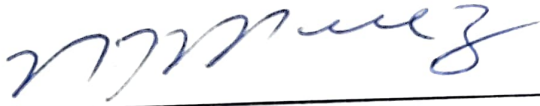
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 31 de Maio de 2023

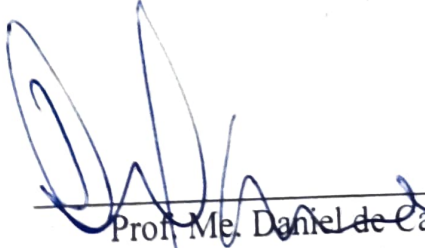
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira – (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Henrique Zeferino de Menezes
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Me. Daniel de Campos Antiquera
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

“Nós somos os discursos dos outros”
La Chinoise, Jean-Luc Godard.

AGRADECIMENTOS

À minha avó, Neusa, agradeço pela sabedoria inesgotável e pelo acolhimento. Ao meu avô, José Eduardo, agradeço pelo exemplo de vida e por instigar paixão pelo aprendizado contínuo. À minha avó, Amélia, sou grata pelo carinho, cuidado e força inabalável. Ao meu avô, Fernando, sou grata pela generosidade e pela profunda compaixão que sempre demonstrou por todos.

Ao meu pai, Crisógomo, agradeço pela leveza, bom humor e pelo esforço imensurável, através de horas de trabalho exaustivas e estímulo incessante aos meus estudos. Sou grata a tudo que me foi ensinado pelo meu pai, todos os momentos felizes que ele me proporcionou e todo o amor que ele me transmite.

À minha mãe, Suzienne, também agradeço pelo esforço incalculável para que eu seguisse meus sonhos. Sou grata à minha mãe por ser um exemplo de empatia, ternura e solidariedade, além de ser o meu porto seguro nas horas mais difíceis. Espero um dia chegar perto da magnanimidade que ela e meu pai possuem.

Sou grata à minha irmã Jade por ter sido minha segunda mãe, pela doçura e cuidado, e por me inspirar a ser uma pessoa melhor.

Agradeço também a todos os meus familiares, que contribuíram para minha jornada e que sempre me apoiaram e torcem pelo meu sucesso.

Agradeço imensamente a todos os docentes que fizeram parte da minha jornada, desde minha avó Amélia e meu pai, até os professores do Departamento de Relações Internacionais, pelo empenho em nos tornar profissionais dignos que possam retribuir à sociedade através do nosso conhecimento. Sou grata em especial ao Dr Túlio Ferreira, meu orientador, pela paciência, compreensão e brilho no olhar ao transmitir aprendizados.

Sou grata às minhas colegas de casa (Juliana e Maria), por me acolherem com carinho, doçura e união. Fui muito feliz durante o período em que compartilhamos momentos e experiências. Agradeço a todos os meus amigos de longa jornada e os que encontrei através da UFPB, pelos bons momentos, pelo afeto e por me motivarem a seguir em frente.

Agradeço ao meu noivo, Lucas Henrique, por confiar em mim e me reerguer mesmo nos momentos em que desacreditei de minha própria capacidade, sendo sempre meu maior suporte e, também, fonte de inspiração e amor. Estendo meus agradecimentos à sua família pelo acolhimento e por me proporcionarem o sentimento de “lar”, em João Pessoa.

Sou fruto de construção coletiva, portanto, se hoje floresço, foi porque vocês todos foram minhas raízes.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar a conexão entre instituições estadunidenses e brasileiras de cunho privado, que promovem pesquisas sobre políticas públicas com o objetivo de fomentar debates e influir na práxis política: os think tanks. O surgimento dessas instituições após a II Guerra Mundial nos Estados Unidos marcou uma expansão da agenda de políticas liberalizantes com relação ao papel do Estado na sociedade e discursos anti-socialistas no imaginário popular durante a Guerra Fria. Um exemplo notório desse tipo de instituição é a Atlas Network, parceira de mais de 500 think tanks em mais de 100 países, que também possui instituições parceiras no Brasil. O criador da Atlas Network, Anthony Fisher, era profundamente inspirado pelo trabalho do economista Friedrich Hayek e trabalhou ativamente para promover a agenda liberal e a defesa do livre-mercado.

Tendo em vista a ascensão de discursos politicamente alinhados à direita e de movimentos inclinados ao neoliberalismo no cenário nacional, essa monografia busca compreender se há um impulsionamento externo para propagação dessas ideias, por meio de apoio e financiamento dessas instituições privadas dentro do Brasil.

Sendo assim, o trabalho será desenvolvido através de um estudo de caso da Atlas Network e suas instituições parceiras no Brasil, tomando como base uma perspectiva marxista das relações internacionais para analisar o fenômeno da nova direita global, a criação da Atlas Network, suas conexões com os think tanks brasileiros e as repercussões dessa conexão no cenário político recente. Somado a isso, será realizada uma análise das estatísticas das mídias sociais dos institutos e de figuras notáveis para compreender o alcance e o impacto dessas ferramentas comunicacionais na propagação dos discursos de cunho liberal promovidos pelos think tanks.

Palavras-chave: Think tanks; ultraliberalismo; Atlas Network; Institutos liberais; política nacional.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the connection between private american and brazilian institutions that promote public policy researches, instigate political debates and influence the political praxis: think tanks. The emergence of those institutions after the Second World War in the United States of America has marked the expansion of a liberal agenda and anti-socialist discourse throughout the Cold War. A notorious example of this type of organization is the Atlas Network, partner of more than 500 think tanks in over more than 100 countries, which also has connections with liberal Brazilian institutions. Atlas Network's creator, Anthony Fisher, was profoundly inspired by the work of Friedrich Hayek and actively worked to promote liberal ideas and free-market solutions.

Considering the expansion of right-wing political discourse and neoliberal movements in Brazil's recent years, this monograph intends to clarify if there is an external impulse to the reproduction of liberal ideology, through the financial and logistical support provided to those institutions located in Brazil.

A case study of Atlas Network and its Brazilian partners will be developed, applying a marxist perspective of international relations to analyze the new-right phenomenon, Atlas Network's history and its connection to Brazilian think tanks, as well as their impact in the political scenario. Moreover, an analyses of the institutions' social media statistics and relevant influencers connected to these social movements will be implemented, to demonstrate the range of their impact on new media formats and the application of these social media to promote the liberal think tanks' ideology.

Keywords: Think tanks; ultra liberalism; Atlas Network; liberal institutions; Brazilian politics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Finalista do prêmio Regional Liberty Awards

Figura 2- Centro latinoamericano da Atlas Network entrevista o presidente Luis Lacalle, em parceria com o Centro de Estudos para o Desenvolvimento do Uruguai

Figura 3- Institutos liberais brasileiros que fazem parte da rede da Atlas Network

Figura 4- Alguns think tanks liberais brasileiros vinculados à Atlas Network

Figura 5- Texto comentando o apoio da Atlas Network ao Students for Liberty Brasil

Figura 6- Alejandro Chafuen(presidente da Atlas Network até 2017) e Fábio Ostermann(EPL e MBL) nos protestos a favor do impeachment em 2015

Figura 7- LIVRES vence o “Latin America Liberty Award” concedido pela Atlas

Figura 8- Marcelo Faria aceitando “Latin America Award” concedido pela Atlas Network em 2023 para o ILISP

Figura 9- Evento da Atlas Network em março de 2023 em parceria com o IL-RJ e outros institutos

Figura 10- Rodrigo Constantino(ex-presidente do Instituto Liberal brasileiro e membro fundador do Instituto Millenium) no Fórum da Liberdade

Figura 11- Empresários defensores da liberdade econômica de acordo com Alejandro Chafuen: Donald Stewart, Henry Maksoud, Paulo Guedes e Winston Ling, Hélio Beltrão, Salim Mattar

Figura 12- Pautas liberais no Plano de Governo de Jair Bolsonaro em 2018

Figura 13- Plano de Governo de Jair Bolsonaro faz menção indireta à obra de Hayek

Figura 14- Winston Ling, que atuou no conselho consultivo do Students For Liberty e participou da fundação do ILRJ, IEE e do ILRS; entrega obras liberais na mão de Jair Bolsonaro em 2019

Figura 15- Plano de governo de Jair Bolsonaro em 2018 faz referência ao “marxismo cultural”

Figura 16: Referência à teoria conspiratória do Foro de São Paulo no plano de governo de Jair Bolsonaro em 2018.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Empresários e intelectuais envolvidos na criação do IL-RJ

Quadro 2- Número de seguidores(em milhares) de alguns think tanks liberais ao redor do globo entre 2021 e 2022

Quadro 3 - Think tanks brasileiros que atuam para promover liberdade econômica

Quadro 4 - Organizações e influenciadores favoráveis à liberdade econômica

Quadro 5 - Número de seguidores em maio de 2023 dos veículos de mídia citados por Alejandro Chafuen

Quadro 6 - Número de seguidores de influenciadores relevantes da nova direita e do liberalismo

Quadro 7 - Medidas Liberalizantes do Governo Bolsonaro(2018-2022)

Quadro 8 - Dirigentes de institutos liberais e seus vínculos com o governo Bolsonaro

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Gráfico demonstrando o aumento de doações da Atlas Network para a América Central e América do Sul após o ano de 2015

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB- Ação Integralista Brasileira
 Atlas Network- Atlas Economic Research Foundation
 CEDICE Libertad- Centro de Difusión del Conocimiento Económico
 CIPE - Center for International Private Enterprise
 DOJ- Departamento de Justiça dos Estados Unidos
 EPL – Estudantes pela Liberdade
 EUA – Estados Unidos
 FCPA- Foreign Corrupt Practices Act
 FMI Fundo Monetário Internacional
 FPLM- Frente Parlamentar Livre Mercado
 IBAD- Instituto Brasileiro de Ação Democrática
 IEA – Institute of Economic Affairs
 IEE – Instituto de Estudos Empresariais
 IHS - Institute for Humane Studies
 ILISP – Instituto Liberal de São Paulo
 ILRJ – Instituto Liberal do Rio de Janeiro
 ILRS – Instituto Liberdade
 IMB – Instituto Mises Brasil
 IMIL – Instituto Millenium
 IPES- Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais
 MBL – Movimento Brasil Livre
 NED National Endowment for Democracy
 NSA- Agência de Segurança Nacional
 PT – Partido dos Trabalhadores
 RI – Relações Internacionais
 SFL – Students for Liberty
 SI – Sistema Internacional
 SMP – Sociedade Mont Pèlerin
 URSS- União Soviética

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 A NOVA DIREITA E SUAS MANIFESTAÇÕES GLOBAIS.....	14
1.1 A EXPANSÃO DE MOVIMENTOS ULTRALIBERAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.....	20
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1 A PERSPECTIVA MARXISTA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	24
2.2 A HEGEMONIA GRAMSCIANA E O IMPACTO DAS IDEIAS.....	29
3 O PAPEL DOS THINK TANKS NO CASO BRASILEIRO: A MATRIZ ATLAS NETWORK.....	33
3.1 A ATLAS NETWORK: UMA REDE DE CONEXÃO ENTRE THINK TANKS.....	33
3.1.1 O IEA e seu impacto na arena política britânica.....	35
3.1.2 A formação e estruturação da Atlas Network.....	36
3.2 O COMPLEXO IPES/IBAD E A INTERFERÊNCIA ESTADUNIDENSE NO BRASIL NA DÉCADA DE 1960.....	41
3.3 INSTITUTOS PARCEIROS NO BRASIL E A EXPORTAÇÃO DE IDEOLOGIAS LIBERAIS: O FINANCIAMENTO, O SUPORTE E AS CONEXÕES.....	44
3.3.1 Os institutos liberais e seu alcance nas mídias sociais.....	53
4 AS REPERCUSSÕES NO CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL.....	58
4.1 O FLORESCIMENTO DO DISCURSO ULTRALIBERAL.....	58
4.2 GOVERNOS MICHEL TEMER E JAIR BOLSONARO: A EFETIVAÇÃO DA NARRATIVA LIBERAL.....	62
4.3 OS MÉRITOS DOS INSTITUTOS PARCEIROS DA ATLAS NETWORK.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Conforme explicitado pelo trabalho de Samir Amin (2009), a expansão globalizada do capitalismo deu origem a uma nova polarização, caracterizada pela marginalização dos locais com modos de produção diferenciados ou anteriores ao capitalismo e submissão destes às demandas de reprodução do capital nos países centrais. Sendo o Brasil um país de formação colonial, sua posição inicial no sistema era caracterizada pela submissão total aos interesses do capital português, consequentemente, o florescimento do modo de produção capitalista no âmbito interno da economia brasileira se dá de maneira tardia. Nesse contexto, o Brasil independente se insere no mercado global à mercê das já existentes e robustas potências capitalistas, sendo um notório exemplo os Estados Unidos, a potência regional. Autores como Gerson Moura (1991), Amado Cervo e Clodoaldo Bueno (2002) e Tullo Vigevani e Gabriel Cepaluni (2007) destacam que no caso das relações bilaterais Brasil-Estados Unidos, o histórico é notadamente permeado por uma dominação e prevalência dos interesses da potência norte-americana, com movimentos pendulares caracterizando a política externa brasileira desde o “alinhamento sem recompensa” até experimentações de uma política externa mais independente, como tentativa de posicionamento como líder regional latinoamericano. Embora permeada por relativa estabilidade, a relação com os Estados Unidos se desgasta durante o período do governo de João Goulart, apontado como possível ameaça à continuidade dos objetivos estratégicos e perpetuação da dominação econômica. Além da aplicação, em solo brasileiro, de uma interferência direta, tal qual como comprovado através de documentos oficiais de órgãos governamentais estadunidenses como CIA e NSA, a presença de organizações conhecidas como “think tanks¹” foram também relevantes na política nacional nesse período (PARKER, 1977; PASTORE, 2012).

O exemplo mais notório à época se consubstancia no complexo IPES/IBAD, que tinha como objetivo avançar os interesses da elite brasileira através da propagação de ideias contrárias ao governo nacional-desenvolvimentista de Goulart, classificando-o como ameaça comunista. Havia, também, influência direta nas políticas públicas, já que a organização participou da elaboração de projetos de lei baseados nos interesses dos oficiais militares e das elites, que se posicionavam como intelectuais (PASTORE, 2012).

Os think tanks surgiram ainda na década de 1930, no entanto, adquiriram maior relevância especialmente durante o período de ascensão da ideologia neoliberal na década de

¹ Classificadas como instituições independentes de pesquisa e análise de políticas públicas e estudos econômicos (PASTORE, 2012).

1980. O surgimento da Atlas Economic Research Foundation, no ano de 1981 nos Estados Unidos é um exemplo desse fenômeno, ao tornar-se uma das maiores redes de conexão dessas instituições ao redor do globo. Com vínculos com quase 500 think tanks (199 desses, na América Latina), a Atlas Network atua através da propagação de defesa do livre mercado e princípios econômicos e políticos liberais (ATLAS, 2023a; BAGGIO, 2016).

Ao longo dos governos encabeçados pelo Partido dos Trabalhadores no Brasil, que se estenderam de 2003 a 2016, o surgimento e fortalecimento de uma onda de movimentos conservadores e liberais pôde ser observado (BRUM, 2022). Embora tenham surgido inicialmente como vozes críticas da gestão petista, esses movimentos logo se tornaram atores políticos importantes, influenciando o discurso e a agenda dos principais partidos de direita do país, com enfoque no questionamento do papel do Estado na economia e na sociedade. O Brasil, com suas devidas particularidades e trajetória singular, se insere em um amplo contexto internacional de efervescência de ideias à direita (um dos resultados da crise do capitalismo global desencadeada no ano de 2008) que possibilitaram a chegada de líderes aos mais diversos cargos políticos (incluindo a chefia do executivo), sendo alguns exemplos os Estados Unidos, Chile, Argentina, México, Venezuela, entre outros (BARBOZA, 2019). Autores como Giovanni Arrighi (2008) e Elias Jabbour, Alexis Dantas e Javier Vadell (2022) abordam a ascensão econômica e política da China, bem como sua ameaça à liderança dos Estados Unidos como *hegemon* no sistema internacional. O retorno do discurso anticomunista, décadas após o ápice da Guerra Fria, pode ser associado às disputas cada vez mais latentes entre essas potências, observável nas posturas agressivas do ex-presidente Donald Trump em relação à China. Esse viés de discurso também vêm sendo amplamente repercutido no cenário político brasileiro recente.

Nesse ínterim, o tema dos think tanks surge como um dos possíveis fatores contribuintes para a dispersão de ideais neoliberais, anticomunistas e o florescimento de partidos e líderes com posicionamento ideológico fortemente vinculado ao ultraliberalismo², levando em consideração o alcance de algumas dessas instituições. Esses movimentos, em território brasileiro, se organizaram em torno de algumas entidades como o Instituto Mises Brasil (IMB), o Instituto Millenium (IMIL), Livres, Estudantes pela Liberdade (EPL) e o Movimento Brasil Livre (MBL), entre outros; todos os mencionados possuem vínculos diretos

2 O termo ultraliberal, conforme explicitado por Kátia Baggio, abarca “[...] as propostas econômico-sociais de Estado mínimo, defesa do livre mercado e da desregulamentação em um período de rápida e intensa globalização, [...] sintetiza as propostas de um liberalismo acentuado na era da globalização financeira” (BAGGIO, 2016, p. 1).

ou indiretos com a Atlas Network. Seja por meio de recursos financeiros, treinamentos de líderes ou suporte logístico, esses institutos e/ou think tanks estão conectados a essa rede internacionalmente abrangente da Atlas (BRUM, 2022).

Compreendendo a Atlas Network, seu modo de operação, suas manifestações em território nacional e se há uma conexão dessa instituição com o governo dos Estados Unidos, será possível aferir se o fenômeno observado no Brasil recente se configura como um resgate de uma estratégia internacional de interferência política. Caso positivo, analisar os benefícios obtidos, as repercussões no cenário político e se houve um impacto significativo dessas instituições na política brasileira de forma a alinhar esta aos valores defendidos pelos think tanks americanos.

Tendo em vista a multifatorialidade e complexidade dos fenômenos sociais, torna-se notadamente inviável atribuir apenas à ação dos think tanks a mudança de tendências políticas globais. O que se objetiva neste trabalho, no entanto, é apontar a relevância dessas organizações na propagação de discursos para o *mainstream* e seus impactos na política brasileira, assim como a conexão entre essas instituições e o órgão com atuação internacional que provê suporte financeiro, técnico, logístico e comunicacional para fortalecer esses movimentos: a Atlas Network. A relevância do estudo desse tema recai sobre tópicos essenciais para a compreensão da conjuntura política nacional e internacional. Os debates que permeiam a arena política repercutem não apenas no âmbito interno, mas também na política externa do país, nas suas relações diplomáticas e posicionamentos em fóruns multilaterais. Os impactos das ideias propagadas no debate público para a orientação das políticas estatais e para a democracia são, portanto, temas pertinentes que possibilitam a apreensão das circunstâncias sócio-políticas atuais, bem como das tendências mundiais. Soma-se a tais apontamentos a consideração de que há um leque reduzido de trabalhos a respeito dos think tanks partindo da ótica das relações internacionais, tendo em vista que as ciências sociais e políticas geralmente são os pontos de partida para análise desse objeto. A perspectiva marxista das relações internacionais foi, portanto, priorizada ao explorar esse tema por possibilitar a abordagem de 3 pontos principais: 1) A formação econômico-social brasileira, levando em consideração a inserção histórica do Brasil no capitalismo global, 2) As possíveis motivações para o financiamento desses institutos e as vantagens obtidas pelos mantenedores, 3) A relevância da hegemonia de ideias e o papel das ideologias nas RI. Essa monografia, por conseguinte, irá se debruçar sobre a temática da nova direita, do neoliberalismo e ultraliberalismo e os institutos conectados com a rede internacional da Atlas, bem como as repercussões de sua atuação na política brasileira; explorando as mudanças relevantes no

cenário político que se conectam a esses ideais e enquadrando esse fenômeno no contexto internacional mais ampliado na qual se insere.

1. A NOVA DIREITA E SUAS MANIFESTAÇÕES GLOBAIS

A ascensão da nova direita ocupa cada vez mais espaço nas discussões políticas e acadêmicas ao redor do globo. A expansão desta corrente política na Europa após os anos 1980 é abordada por Roger Eatwell (2000), que destaca os resultados positivos para esses grupos nas eleições ao longo dos anos 1990 em países como: Áustria, Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Itália, Noruega e Suíça. O crescimento desses movimentos, segundo o autor, foi impulsionado pela defesa de políticas anti-migratórias no período e uma retomada da perspectiva nacionalista. Esse crescimento foi acompanhado pela dificuldade em classificá-los, perceptível *a priori*, na nomenclatura adotada pelos partidos: muitos rejeitaram associações à extrema-direita, posicionando-se como terceira-via ou sinônimos. A realidade é que, duas décadas após as observações de Eatwell, esses movimentos políticos inclinados à direita com apelos autoritários se fortaleceram e receberam cada vez mais apoio do eleitorado. Donald Trump (Ex-presidente dos Estados Unidos), Marine Le Pen (Líder do partido francês Rassemblement National), Matteo Salvini (Ex-vice-primeiro ministro da Itália e líder da Liga Nord), Viktor Orbán (Primeiro-ministro da Hungria), Recep Tayyip Erdoğan (Presidente da Turquia), Narendra Modi (Primeiro-Ministro da Índia) e Jair Bolsonaro (Ex-presidente do Brasil), são alguns exemplos de figuras notáveis desse espectro político com amplo apoio popular em seus respectivos países. Esse fenômeno, como é possível notar, afeta tanto o Norte quanto o Sul global, o que contribui para a dificuldade que o campo da ciência política encontra em definir esses movimentos.

Termos como fascismo, populismo, autoritarismo, ultraliberalismo, nova direita e “alt-right”, entre outros, são empregados com frequência como sinônimos para descrever as vertentes políticas ligadas ao espectro da direita que ganharam destaque nos últimos anos (BROWN, 2019). Isso ocorre porque, de acordo com a filósofa Wendy Brown (2019) a vilanização do papel do Estado abre espaço para alianças improváveis entre os libertários no campo econômico, anarquistas de direita e conservadores, unidos para limitar o alcance do governo nas suas vidas privadas. Essas demandas produziram uma animosidade com relação às instituições estatais e ao próprio exercício da política, gestando um movimento que defende liberalismo autoritário no campo econômico e moralismo autoritário em questões sociais. Conforme os apontamentos de Michel Foucault (2008) em palestra no ano de 1979, o

neoliberalismo produz uma nova racionalidade política, que vai muito além das políticas econômicas e priorização da expansão do capital. É a dispersão dos princípios de mercado como bússola para direcionar o Estado e utilizá-lo como meio para replicar esse pensamento na sociedade, em todas as instituições existentes. Esses princípios, ao se fazerem presentes em todas as esferas da vida social, transformam o papel do ser humano, resultando na mudança entre um sujeito direcionado para trocas comerciais e satisfação de necessidades (liberalismo clássico), para um sujeito baseado na competição e no aprimoramento do capital humano (neoliberalismo) (FOUCAULT, 2008).

Os termos "neoliberalismo", "ultraliberalismo" e "nova direita" são os mais relevantes para o presente trabalho, pois, embora não sejam sinônimos, estão intrinsecamente conectados no cenário a ser estudado, sendo esse marcado pelas mudanças observáveis na política brasileira ao longo dos anos 2010 que culminaram na eleição de Jair Bolsonaro à presidência. Primeiramente, é importante ressaltar que o termo neoliberalismo já foi empregado para descrever uma doutrina que acatava a importância do Estado de Bem-estar social, como sinônimo de políticas keynesianas no pós-guerra por exemplo, já que seria uma reformulação dos princípios liberais, ou seja, um novo liberalismo que reconhecia a relevância das políticas contra desigualdade social (BAGGIO, 2016). O ultraliberalismo, por outro lado, é uma ideologia econômica mais recente, que enfatiza a liberdade individual e a mínima intervenção do Estado na economia. Sendo assim, os defensores do ultraliberalismo acreditam que o livre-mercado é o melhor mecanismo para determinar preços e alocar recursos na sociedade e que a intervenção estatal na economia inevitavelmente produz distorções nos resultados que prejudicam os indivíduos. O ultraliberalismo se opõe ao Estado de Bem-Estar Social, à proteção dos direitos trabalhistas, regulações ambientais e outras formas de intervenção governamental, de forma ainda mais exacerbada que o liberalismo clássico (BAGGIO, 2016). É possível citar nomes como Murray Rothbard, Ludwig Von Mises e Milton Friedman como pensadores vinculados a essa vertente política. Já a nova direita, é uma corrente política que surgiu nas últimas décadas e que, embora possa incluir elementos do ultraliberalismo no aspecto econômico, é mais ampla e abrange a defesa de uma série de valores conservadores, nacionalistas e anti-globalização, incluindo também uma visão crítica das elites políticas e culturais estabelecidas (BROWN, 2019).

O termo "nova direita" será adotado no presente trabalho para se referir à ascensão de líderes políticos mais radicais ao longo da última década, tendo em vista o contexto social permeado por novos métodos de comunicação e dispersão das pautas nas mídias sociais, bem como a reação desses movimentos aos acontecimentos mais recentes- crise econômica global

no ano de 2008 e suas consequências, aumento do fluxo migratório entre os países, fortalecimento do poder chinês no cenário mundial, o uso da internet e mídias sociais como trunfo político, entre outros. Esses elementos reacionários, que se combinam com o ultraliberalismo econômico, também carregam um traço fundamental da direita tradicional descrita por Norberto Bobbio (2012): a percepção de que a desigualdade se apresenta como ordem natural e limite de toda ação política.

Faz-se mister, portanto, explorar mais a fundo as raízes para a expansão da nova direita, bem como suas características distintas e seus impactos na política e sociedade internacional. Wendy Brown (2019) aponta que uma das falhas estruturais que contribuiu para o florescimento dessa ideologia foi a crença na perenidade das instituições e dos valores ocidentais como o Iluminismo e a democracia liberal, que gerou uma espécie de “cegueira” para o desenvolvimento do autoritarismo no seio das democracias capitalistas, assim como a combinação inesperada de elementos aparentemente opostos que gesta a nova direita. A autora destaca a curiosa mescla de uma visão nacionalista com ênfase em “valores tradicionais”, que demanda políticas estatais para o crescimento nacional, proteção das fronteiras e uso do aparelho estatal para reprimir dissidentes da moralidade (como proibição ao casamento homossexual e ataque à identidade de pessoas transgênero); com o ideário neoliberal de vilanização do Estado, priorização da liberdade individual e visão cosmopolita em oposição às fronteiras nacionais.

A nova direita surge como uma reação à globalização, multiculturalismo, liberalismo e, também, às crises econômicas. Seus expoentes argumentam que esses elementos, em especial os três primeiros, enfraquecem a identidade cultural e nacional dos países, tornando-os vulneráveis à imigração e ameaças externas. Há uma perspectiva mais conservadora em relação a questões sociais e culturais, como o papel da família, religião e tradição, o que se opõe ao princípio de liberdade individual pregado pelo liberalismo. Os discursos da nova direita frequentemente estão associados a práticas xenófobas, autoritárias e extremistas que impactam diversos setores da sociedade, especialmente as minorias étnicas e sexuais (BROWN, 2019). Estas, são apontadas como a “raiz de todos os males”, sejam eles de ordem “moral” - como a destruição da cultura tradicional de uma nação, na perspectiva conservadora- ou econômica, como o desemprego “resultante da imigração”.

Conforme apontam Heidi Beirich e Mark Potok (2015), existe um exacerbado enfoque na soberania nacional e no resgate de um passado metafórico idílico, em que a nação supostamente experimentou seu ápice de crescimento econômico, estabilidade e moralidade. Essa mentalidade canaliza as frustrações presentes nas sociedades em que esse discurso

repercuta na direção das minorias, antes mais reprimidas e silenciosas, que atualmente estariam sendo as mais favorecidas pelas políticas inclusivas implementadas pela “elite” do governo, em detrimento da população “geral” (BROWN, 2019).

Nos Estados Unidos, a nova direita tem sido representada pelo movimento conservador Tea Party, que surgiu em 2009 como uma reação à eleição do democrata Barack Obama (GREVEN, 2016). O Tea Party se posicionava contra o aumento dos gastos públicos e pregava a limitação do papel do Estado na economia, além de se opor a políticas sociais como a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e o direito ao aborto. O movimento cresceu rapidamente e ajudou a eleger diversos políticos conservadores para o Congresso americano (Ted Cruz, Marco Rubio, Jeff Flake e Mike Lee são alguns exemplos), no entanto, foi com a eleição de Donald Trump no ano de 2016 que a nova direita ganhou maior visibilidade e poder nos Estados Unidos. Trump foi eleito com uma plataforma populista e nacionalista, prometendo colocar “a América em primeiro lugar” e combater a imigração ilegal e o restringir o livre comércio, apontando as desvantagens dos Estados Unidos em transações comerciais intercontinentais. O governo de Donald Trump foi marcado por uma série de medidas polêmicas, como a proibição de entrada de cidadãos de países muçulmanos nos Estados Unidos e o rompimento de acordos internacionais como o Acordo de Paris.

O ex-presidente também recebeu amplo apoio do Movimento Alt-Right (direita alternativa), associado a discursos racistas, anti-semitas e xenófobos; que obteve sucesso em atrair um número crescente de seguidores, especialmente jovens brancos que se sentem marginalizados e desiludidos com o sistema político tradicional (KELLY, 2017). A pesquisadora Annie Kelly (2017) argumenta que esse movimento floresceu no mundo virtual e é disperso, porém suas células se baseiam em uma espécie de “contracultura” idealizada por homens brancos, na tentativa de reabilitar a masculinidade supostamente perdida com rejeição total ao discurso da esquerda liberal- uma clara reação aos movimentos sociais que questionam o patriarcado e as estruturas de poder e capital que favorecem pessoas do sexo masculino. Assim como a nostalgia idealizada de uma “nação soberana e forte” promovida pela nova direita, a Alt-right explora um modelo também idealizado de masculinidade (de homens brancos) inexistente no passado, para contrapor à “degeneração” das influências modernas. Como a manutenção do patriarcado é peça-chave para esse movimento, a promoção de discursos anti-feministas e misóginos é frequente e foi outro ponto de apoio da Alt-Right para se contrapor à opositora de Trump nas eleições, a democrata Hillary Clinton. Outro ponto importante de destaque, além do enfoque no resgate da masculinidade idealizada por parte da Alt-Right, é a nostalgia por um passado permeado pela supremacia branca,

tornando os imigrantes e as minorias étnicas a raiz de uma suposta “decadência” que o país enfrenta (KELLY, 2017).

Ao longo do início dos anos 2000, antes mesmo da eleição do ex-presidente Barack Obama, houve um aumento drástico de 47% no número de grupos de supremacia branca nos EUA- de 602 no ano 2000, a 888 grupos mapeados no ano de 2007 (BEIRICH; POTOK, 2017). Esse dado demonstra uma tendência à radicalização e expansão desses grupos, já que também inclui um aumento no número de crimes de ódio contra minorias. Os autores destacam um aumento de 40% nos crimes de ódio contra pessoas latinas nos Estados Unidos entre 2003 e 2007, com a presença de líderes declaradamente neonazistas apontando maior adesão aos seus movimentos com base no ressentimento contra os imigrantes e contra a figura de um homem negro ocupando o cargo de presidente (BEIRICH; POTOK, 2017). As consequências sociais da propagação de discursos sobre um passado metafórico perfeito de uma nação “forte” são imensuráveis, como o aumento da intolerância, crimes de ódio, machismo, racismo, normalização da violência e desestabilização das instituições democráticas(BROWN, 2019).

Na Europa, a expansão da Nova Direita se deu em oposição às políticas migratórias da União Europeia, fortalecendo o discurso nacionalista e anti-cosmopolita nos países que compõem o bloco. Na França, por exemplo, o partido Rassemblement National (Frente Nacional) liderado por Marine Le Pen, se destaca pelo discurso anti-imigração e islamofóbico. Críticos da imigração em massa, defendem que há uma ameaça à identidade cultural e à segurança do país, culpabilizando a comunidade islâmica. Outro líder importante da nova direita europeia é Boris Johnson, acusado por defensores dos direitos humanos por promover políticas discriminatórias e xenófobas e, assim como Marine Le Pen, crítico da integração regional promovida pela União Europeia em nome de uma soberania nacional. O movimento Brexit, por exemplo, foi uma grande plataforma de Boris Johnson, que se posicionou como defensor da causa e líder da campanha que culminou na saída do Reino Unido do bloco regional (BRASIL DE FATO, 2022).

Entre outros principais partidos políticos da Nova Direita na Europa, é possível citar o Alternativa para a Alemanha (AfD), o Partido da Liberdade (PVV) na Holanda, o Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ), o Partido Lei e Justiça na Polônia (PIS), os Democratas Suecos(SD) e a Liga Norte na Itália. Um elo em comum nesses posicionamentos é o já citado emprego da retórica populista e nostálgica por um passado idealizado. Além do slogan de campanha de Donald Trump (“Fazer a América grande novamente”), destaca-se no continente europeu os slogans: “França para os franceses” (Le Pen e a Frente Nacional), “Tomar o

controle de volta” (da campanha a favor do Brexit), “Nossa cultura, nosso lar, nossa Alemanha” (AfD), “Polônia pura, Polônia branca” (PIS), “Manter a Suécia sueca” (Democratas Suecos). De acordo com Wendy Brown (2019), esses partidos da nova direita necessitam propagar a ideia de que os líderes dessa vertente são os bastiões da defesa da verdadeira vontade popular, em contraste com elites políticas e econômicas. Nesse aspecto, teorias da conspiração são narrativas comuns para os defensores dessa ideologia³.

É frequente, portanto, que haja a promoção de um distanciamento da política e das instituições democráticas, para que os líderes sejam vistos como *anti-establishment* e anti-política, representantes da vontade da maioria e não das elites, também responsáveis por tirar o peso do Estado da vida dos indivíduos. O forte engajamento em plataformas de redes sociais como o Twitter, Facebook, Youtube e Instagram, assim como seu uso intensivo para mobilizar e influenciar seus seguidores, é uma característica diferenciada da nova direita, que também permite reforçar o discurso *anti-establishment*, já que essas mídias são recentes e seu protagonismo cada vez mais acentuado deixa a hegemonia da televisão para trás na formação da opinião pública. Permite, ademais a conexão entre diferentes vertentes políticas, desde libertários, liberais, nacionalistas, supremacistas brancos, fascistas e anarquistas; favorecendo a expansão de um movimento contrário ao Estado de Bem-estar social e suas políticas subsequentes (BROWN,2019). Analisar a influência e a utilização das mídias sociais por parte desses grupos é indispensável para compreender a expansão desses movimentos na última década, assim como o contexto sócio-político que possibilita a dispersão e a adesão a esses ideais.

Tendo em vista que o ponto focal de discussão é a expansão desses movimentos no Brasil, será necessário explorar a conjuntura que favoreceu a propagação de discursos ultraliberais e de direita e seus principais promotores. A partir dessa perspectiva, os institutos liberais (think tanks) e suas conexões e financiamento serão analisados como um dos pontos de partida para formação de uma classe de intelectuais e líderes políticos que introduzem e normalizam esses discursos para a sociedade, de forma a popularizar termos e discussões de cunho político e econômico pautados tanto pelo conservadorismo social, quanto pelo liberalismo econômico.

3 Algumas mais famosas envolvem : George Soros e a Open Society Foundation, Marxismo Cultural (termo inventado a partir da interpretação da Guerra cultural da obra de Gramsci) e o Foro de São Paulo.

1.1 A EXPANSÃO DE MOVIMENTOS ULTRALIBERAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

No caso da América Latina, é perceptível, primeiramente, que o continente passou pela primeira década do milênio com a prevalência de sucessivos governos alinhados ao progressismo e vertentes políticas no espectro da esquerda. Alguns exemplos são os governos de Hugo Chávez na Venezuela (eleito em 1999), Nestor Kirchner e Cristina Kirchner na Argentina (eleito em 2003, reeleito e Cristina o sucedeu no ano de 2011), Evo Morales na Bolívia (eleito em 2005), Rafael Correa no Equador (eleito em 2007 e reeleito 2 vezes seguidas) e, no Brasil, os governos encabeçados pelos petistas Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (de 2002 até 2016). Esses governos, de forma geral, foram marcados por políticas de redistribuição de renda, com combate à desigualdade e tentativas de maior autonomia econômica através do fomento a setores estratégicos nacionais. No cenário brasileiro, os principais opositores ao modelo petista se encontravam no espectro da direita tradicional, representada por partidos como PSDB e DEM, cujas críticas se direcionavam principalmente para o aspecto econômico. A preocupação com inflação, endividamento público, fomento a uma cultura de dependência do Estado e sufocamento da iniciativa privada podem ser citados como algumas das pautas levantadas pelos partidos opositores. É interessante ressaltar, no entanto, que a direita brasileira não se limita apenas a esses partidos e que existe um histórico de movimentos de inspiração fascista e nazista na política nacional.

Considerando como ponto de partida o retorno ao espectro democrático, após o desgaste da ditadura militar, Daniel Aarão Reis (2010) aborda a trajetória do processo de redemocratização enfatizando o consenso anti-autoritário que permeava a política, unindo a sociedade civil em geral e as elites econômicas à época. A conjuntura do período da discussão em torno da nova Constituição era desfavorável para discursos anti-democráticos- o que não significa que estes eram inexistentes. Anteriormente concentrado na Ação Integralista Brasileira (AIB) e na figura de Plínio Salgado, o discurso autoritário brasileiro se dispersou após o falecimento de Plínio em 1975, devido à dificuldade em nomear um sucessor para o antigo líder. É importante apontar alguns núcleos resultantes desse movimento: Ação Nacionalista (que se inspirava na AIB), Partido Nacional Revolucionário Brasileiro (PNRB), Partido Nacional-Socialista Brasileiro (PNSB), Movimento Pátria Livre, Frente Nacionalista, Ação Nacionalista Democrática (ANDE) e, por fim, ainda havia células da Ação Integralista Brasileira (CALDEIRA, 2020). Não houve consenso entre esses grupos para uma candidatura para a eleição de 1989, embora Jânio Quadros (não concorreu) e Guilherme Afif (Partido

Liberal) tenham sido cotados. Naquele momento, acontecia uma retração e dispersão desses grupos, um fenômeno que o professor Odilon Caldeira (2020) descreve como “direita envergonhada”.

Além dos movimentos supracitados, houve um florescimento de grupos de inclinação neo-nazista ao longo da década de 1980, indo na direção contrária da tendência provocada pela redemocratização. A violência dos skinheads contra minorias, a publicação de obras revisionistas e anti-semitas e a tentativa de estabelecer os partidos PNRB e PNSB (barrada pelo Tribunal Superior Eleitoral) demonstram a presença de movimentos extremistas mesmo durante o chamado “consenso democrático”(CALDEIRA, 2020). É no momento de turbulência política pós-impeachment do primeiro presidente democraticamente eleito, Fernando Collor de Mello, que um candidato conservador que também agradava alas da extrema-direita passa a ter mais visibilidade. A candidatura do médico Enéas Carneiro foi favorecida pelo enredo do “outsider”⁴ e da antipolítica: discurso autoritário, contra corrupção e políticos de carreira, contra a máquina política e uma suposta “crise moral” e depravação generalizada, tendo a ordem como bússola. Nota-se, entretanto, que o contexto da implementação de políticas econômicas alinhadas à pauta liberal do Consenso de Washington despertaram críticas tanto da esquerda, quanto da direita, sendo Enéas Carneiro defensor de um direcionamento nacionalista em prol da soberania. Embora não tenha sido eleito, Enéas angariou apoio de grupos radicais (como o PNRB), e o partido criado por ele para concorrer ao pleito, o PRONA (extinto em 2006), foi um representante de destaque para esses discursos mais radicais na política nacional (CALDEIRA, 2020).

A baixa expressividade desses núcleos extremistas é perceptível nos anos 2000 após o fim do PRONA e a falta de representatividade no Congresso Nacional. Ademais, conforme anteriormente citado, os grandes concorrentes que alcançaram o segundo turno das eleições no período eram políticos da sigla PSDB. José Serra, Geraldo Alckmin e Aécio Neves não foram capazes de vencer o PT nas eleições presidenciais, no entanto, a pauta econômica foi dando lugar a outra que muito onerosa que manchou a imagem do PT ao longo dos anos: a corrupção. O escândalo do Mensalão durante o primeiro governo de Lula não foi capaz de barrar a sua reeleição, entretanto, desgastou o partido de maneira irreversível, o que abriria brechas para uma oposição futura. As denúncias relativas ao esquema do “Petrolão” no segundo mandato de Dilma Rousseff, em um contexto de crise econômica, do partido e da

4 Enredo que se baseia na distância com relação à máquina política já estabelecida e suas máculas, favorecendo uma narrativa de conexão com o cidadão comum e de renovação na administração pública.

base de apoio popular, abriu margem para o segundo processo de impeachment da história brasileira (BBC, 2022).

Nesse ínterim, houve a convergência de inúmeros fatores: O cenário internacional e a onda da nova direita como fenômeno mundial, a guerra de narrativas a respeito da ditadura militar no Brasil (observável desde a criação e ação da Comissão Nacional da Verdade nos anos de 2011 e 2012), a polarização gerada pelos sucessos e falhas dos governos de esquerda no país, a crise de desconfiança no sistema partidário e na representação democrática, os avanços tecnológicos dos meios de comunicação e da indústria cultural e a criação de lócus institucionalizados para a produção e difusão do pensamento de direita ou liberal no Brasil (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018). A animosidade em relação à política, ao aparato estatal e a crise de desconfiança pós-impeachment favoreceram um novo “outsider”. Na contramão do cenário anterior do primeiro impeachment, em que a “direita envergonhada” era muito menos expressiva, em 2016 pôde ser observada uma notória popularidade de movimentos com inclinações mais à direita do que os partidos tradicionais, assim como movimentos liberais e libertários. Esses, propagaram discursos contra as políticas implementadas pelo PT e foram alguns dos principais organizadores de protestos favoráveis ao impeachment da ex-presidenta Dilma.

Faz-se necessário ressaltar que, durante os governos petistas, o Brasil foi palco para o surgimento de uma onda de movimentos conservadores e liberais que questionavam o papel do Estado na economia e na sociedade. Esses movimentos surgem como resposta às vitórias eleitorais no campo da esquerda, com a proposta de intervir no ambiente de disputa intelectual: criar e/ou propagar teorias de suporte, literatura, reprodução de mundo e intelectuais porta-vozes dessas demandas, principalmente no ambiente universitário (CEPÊDA, 2018). Os investimentos dessa nova direita se direcionam para divulgar e propagar seus novos ideais no ambiente acadêmico e virtual, de acordo com Vera Cepêda: “[...] criação de institutos, sites e blogs conservadores e liberais; na formação de uma rede editorial e na produção de textos (nacionais ou internacionais); na preparação de quadros e atuação junto à juventude; na disputa por espaço na arena acadêmica e intelectual” (CEPÊDA, 2018, p. 59). Se multiplicam, nessa conjuntura, instituições como o Instituto Millenium, Instituto Mises Brasil, Instituto Liberal, Estudantes pela Liberdade e o Movimento Brasil Livre (MBL), entre outros. Esses movimentos logo se tornaram atores políticos importantes, influenciando o discurso e a agenda dos principais partidos de direita do país. Mais à frente, as principais pautas, o *modus operandi* e as conexões desses institutos serão detalhados para compreender

tanto a conexão com os novos rumos na política nacional, quanto o vínculo com a rede da Atlas Network.

O que se pode ressaltar a respeito desse período da política brasileira, observando desde o período pré-impeachment até a eleição de Jair Bolsonaro e diversos políticos do espectro liberal/de direita com votações impressionantes, é a formação de um novo ideário político. Em oposição às tendências economicamente nacionalistas do PRONA e do AIB, esse novo perfil eleva as propostas econômicas da direita PSDBista a uma nova potência, radicalizando os discursos pregressos em defesa da privatização para um novo patamar ultraliberal, em que o Estado torna-se uma entidade ineficiente que deve ser reduzida ao máximo. Esse viés também é reforçado através da recorrente pauta da corrupção, utilizada para alavancar a narrativa a favor da privatização das empresas gerenciadas pelo governo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No campo das ciências sociais, as teorias se apresentam como ferramentas indispensáveis para abordar diferentes óticas e perspectivas na complexa tarefa de analisar fenômenos da sociedade. Tendo em vista que o intuito dessa monografia é explorar a temática dos institutos liberais conectados a uma rede transnacional, bem como as repercussões da atuação desses na política brasileira, algumas dessas ferramentas se mostram incapazes de apreender de forma abrangente as circunstâncias desse fenômeno. A perspectiva das teorias liberais das relações internacionais, a respeito da globalização e da tendência de harmonização dos interesses através da interdependência econômica entre os países, vai de encontro ao que vem sendo observado desde os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e ainda mais acentuado no período mais recente após a crise econômica global de 2008: fortalecimento de movimentos nacionalistas e a economia como campo de enfrentamento e reafirmação dos interesses nacionais dos Estados (MEARSHEIMER, 2003). Esse aspecto belicoso também se faz presente nos debates políticos e nas divergências sobre políticas econômicas, afinal, a narrativa liberal não é mais uma unanimidade em um mundo de ascensão chinesa baseada em economia planificada e medidas protecionistas sendo aplicadas pelos países tradicionalmente defensores do liberalismo (MISHRA, 2018).

De maneira equivalente, o realismo também não se debruça sobre outro ponto importante abordado neste trabalho: as possíveis motivações para o financiamento e suporte direcionados para instituições cujo foco recai sobre a propagação de ideias. Como o eixo central dessa

teoria e suas ramificações se encontra na percepção do Estado como ator central e a segurança como preocupação primordial desses Estados, aspectos ideológicos e identitários tendem a ficar em segundo plano (BOOTH, 1994). Embora ambas não sejam as únicas ferramentas disponíveis no vasto campo das relações internacionais, que inclui também trabalhos relevantes de cunho construtivista, feminista e pós-colonial, a perspectiva que fornece um arcabouço teórico que permite analisar tanto a questão prática, quanto a ideológica no cenário estudado é a adaptação da teoria marxista para as relações internacionais. Nessa seção, por conseguinte, serão abordados alguns autores e contribuições dessa teoria para a análise subsequente, com termos-chave que, posteriormente, serão empregados para compreender o objeto de estudo desta monografia.

2.1 A PERSPECTIVA MARXISTA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A vasta e complexa teoria marxista se propõe a realizar uma análise materialista e dialética da história das sociedades, tendo como ponto de partida a produção e a troca de produtos como base da ordem social (ENGELS, 2017). Esta, seria a raiz primordial da divisão nas mais diversas sociedades, que gera as diferentes classes. A forma como os seres humanos se organizam para produzir e distribuir os meios necessários à sua sobrevivência, ou seja, a base econômica, seria a chave para compreender a superestrutura das sociedades que florescem a partir disso. Essa superestrutura se refere aos mecanismos de reforço à base econômica, que inclui a organização do Estado, das leis, as religiões e ideologias predominantes. Com o nascimento do capitalismo, por conseguinte, as tensões e contradições de interesse entre as novas divisões de classe(a burguesia e o proletariado) são consideradas como o novo motor da história e a fonte para compreender a superestrutura resultante. Apesar de não ter se debruçado a respeito de uma teoria específica sobre as relações internacionais, Karl Marx destacou a tendência à expansão massiva do modelo capitalista e, consequentemente, da reprodução dessa luta de classes ao redor do globo.

A perspectiva marxista das relações internacionais, conforme Immanuel Wallerstein (1976), se mobiliza para compreender o padrão da luta de classes, bem como suas manifestações no âmbito transnacional, ultrapassando os limites das disputas interestatais e, também, admitindo outros *players* relevantes no estudo do sistema. Levando em consideração que a ótica econômica é uma das bases para o marxismo nas R.I, outro ponto crucial que Wallerstein (1976) destaca é a divisão internacional entre centro, periferia e semiperiferia,

sendo essa indispensável para compreender o papel do Brasil dentro das relações econômicas internacionais.

Nesse âmbito, faz-se necessário ressaltar alguns pontos. Primeiramente, o autor afirma que o Brasil, já na década de 1970, ocupava uma posição de semi-periferia (WALLERSTEIN, 1976). Isso se traduziu na postura ambígua brasileira: para os países de centro que produziam bens tecnológicos e industrializados com alto valor agregado, o Brasil se apresentava como periferia que absorvia esses volumes, enviando em contrapartida remessas de *commodities* e produtos de baixo valor agregado. Por outro lado, o Brasil era detentor de um setor industrial ainda restrito, mas que direcionava cada vez mais recursos governamentais para o desenvolvimento das suas forças produtivas, diferenciando-se dos países que contavam apenas com o setor primário. Nesse caso, nas relações comerciais, o Brasil se comportava como um país de centro, considerando que produzia bens secundários e cabia, por sua vez, aos países periféricos absorverem a produção brasileira. Essa postura híbrida no sistema econômico internacional, de acordo com Wallerstein (1976) traz consigo uma grande janela de oportunidade: a possibilidade de obtenção de vantagens únicas em momentos de crises econômicas mundiais, maiores do as que qualquer país central poderia obter.

Apesar de se referir à crise do choque do petróleo na década de 1970, os apontamentos do autor a respeito das vantagens da semi-periferia se mantiveram relevantes para o contexto observável na crise do ano de 2008. Segundo Wallerstein, em contextos de choques econômicos, os países semi-periféricos (a depender também do grau de nacionalismo e padrão de alianças diplomáticas) possuem a oportunidade de levar à frente uma mudança de regime (WALLERSTEIN, 1976). Devido às vantagens momentâneas nos termos de trocas do comércio (que prejudicam os países de centro), o poder de barganha para realizar uma união entre periferia e semi-periferia se amplia, tornando possível a mudança supracitada. Esse cenário descrito pelo autor se assemelha à conjuntura encontrada pelo Brasil em 2008: com os países de centro voltados para o resgate de suas próprias economias; o fortalecimento de alianças entre os países semiperiféricos, o crescimento econômico deles e a relevância internacional que obtiveram possibilitaram maior pressão nos fóruns internacionais. Esse momento na política externa brasileira foi caracterizada pelo aumento do protagonismo brasileiro, maior engajamento do BRICS⁵ e aproximação com países do sul global por meio

5 O acrônimo "Bric", ainda sem o "S" de "South Africa", foi criado pelo economista Jim O'Neill, do banco Goldman Sachs, em estudo publicado em 2001, que mapeou as economias do Brasil, Rússia, Índia e China. O'Neill, através de seus estudos, demonstrou a possibilidade de esses países superarem as economias das seis nações mais ricas do mundo (G6) a partir de 2050.

de parcerias comerciais e técnicas estratégicas para o desenvolvimento econômico e social (MENDONÇA JÚNIOR; FARIA, 2015). No momento presente, vem ocorrendo também o questionamento de regimes há muito tempo estabelecidos, como o padrão-dólar nas trocas comerciais, o que indica um possível retorno a essas tendências de mudança nos regimes internacionais e pressão das novas potências (LOPES, 2023).

Outra questão de destaque abordada pelo autor e considerada prática comum seria que, em períodos de crise, os países de centro também enfrentam uma redução na sua habilidade de interferir ilicitamente na política dos semi-periféricos (WALLERSTEIN, 1976). A interferência política seria uma das ferramentas disponíveis para tentar barrar o desenvolvimento de futuros competidores no mercado internacional, assim como garantir os interesses nacionais de acesso a produtos específicos, essenciais ao andamento da economia (como petróleo, por exemplo). Esse apontamento trazido por Wallerstein é muito importante para a análise a ser realizada, pois, conforme será abordado adiante, essa é uma prática historicamente recorrente por parte dos Estados Unidos dentro do território brasileiro. A hipótese, por conseguinte, de que ela tenha sido repetida na última década por via de ação indireta é uma questão plausível para esse trabalho.

Uma outra consequência relevante das crises globais, é o aumento das taxas de desemprego no centro, enquanto que, na semi-periferia, o inverso ocorre (WALLERSTEIN, 1976). Essa mudança se relaciona a dois fenômenos distintos: o crescimento econômico brasileiro observável no período de 2008 impulsionado pelo aumento real dos salários na semi-periferia (impactando toda a cadeia produtiva) e, por outro lado, o fortalecimento de partidos e movimentos reacionários nos países de centro. De acordo com Wallerstein (1976), em períodos de crise nos países centrais, a economia opera da seguinte forma: os trabalhadores no geral sofrem com o cenário de desemprego, no entanto, os que continuam empregados podem receber um acréscimo real nos salários. O resultado é uma combinação de desilusão e rejeição com relação ao sistema por parte dos desempregados (e possível ganho de consciência de classe) e, em contrapartida, uma tentativa desesperada de manutenção do *status quo* por parte de quem ainda está empregado (ou mantém esperanças de conseguir emprego novamente). O autor ressalta que os últimos geralmente são provedores da massa orgânica para movimentos fascistas.

No Brasil, ambos cenários podem ser identificados, também devido à natureza híbrida como semi-periférico. O primeiro período foi observado primeiramente nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva, onde a conjuntura de crise econômica global favoreceu uma mudança de regime como anteriormente citado, o crescimento econômico e o fortalecimento da indústria

nacional, com aumento dos salários em oposição ao que ocorria no norte global. Esse movimento se manteve ainda no primeiro governo de Dilma Rousseff, com índices econômicos favoráveis próximos ao pleno emprego e aumento real dos salários. No segundo governo, no entanto, houve a combinação de um cenário internacional desfavorável com queda nos preços das commodities, desonerações a certos setores privados com baixo retorno aos cofres públicos e a contenção de investimentos públicos, resultante da dificuldade em romper com a política macroeconômica neoliberal oriunda desde FHC. O economista Francisco Luiz Corsi (2016) argumenta que:

“[...]na fase expansiva do capitalismo global (2003-2007) foi possível compatibilizar essa política com medidas voltadas para o crescimento do mercado interno. Com a crise de sobreacumulação do capitalismo vieram à tona as contradições entre esses dois eixos de política econômica (manutenção das políticas macroeconômicas liberais e investimento público no mercado interno)” (CORSI, 2016, p.1)

Uma questão indispensável para compreender a transformação do cenário brasileiro durante o segundo mandato de Dilma Rousseff é a deflagração da Operação Lava-Jato. O escândalo de corrupção afetou a imagem da ex-presidenta e seu partido de maneira drástica, o que catalisou o processo de impeachment no ano de 2016. Nos documentos e diálogos vazados após ação de *hackers*, enviados ao jornal “The Intercept” nota-se que, além cooperação da força-tarefa da Lava Jato com procuradores americanos, havia uma negociação de uma multa bilionária a ser paga pela Petrobras ao Departamento de Justiça (DOJ) dos EUA por violação da lei FCPA (Foreign Corrupt Practices Act). Essa lei autoriza o DOJ a investigar atos de corrupção internacional, mesmo que não ocorram em território americano, desde que a empresa venda ações nas bolsas do país, caso da Petrobras. Em reportagem a respeito do escândalo da “Vaza-Jato”, é possível encontrar a seguinte mensagem enviada pelo procurador da República Deltan Dallagnol, encarregado da Força-Tarefa da Operação Lava-Jato:

“Caros hoje tem reunião com americanos 9.30 sobre empresas estrangeiras, inclusive Petrobras. Ontem falamos com eles sobre assets sharing da multa e perdimento associados à ação deles contra a Petro, e em parte desses valores há alguma perspectiva positiva”, escreveu Dallagnol no Telegram aos colegas que participavam do chat “FT MPF Curitiba 2”, em 8 de outubro de 2015.
(VIANA; MACIEL; FISHMAN, 2020)

O apoio do FBI à Operação Lava-Jato e a parceria com o juiz Sérgio Moro e sua equipe é de extrema importância já que, além da flagrante interferência externa no andamento da justiça brasileira, há o fato de que 44% dos acionistas da Petrobras são estrangeiros. Ao longo do governo de Jair Bolsonaro (PL), a Petrobras acumulou lucros recordes e, inclusive, pagou

aos acionistas valores superiores aos lucros: enquanto lucrou 98 bilhões, distribuiu R\$ 136 bilhões em dividendos no primeiro semestre de 2022, correspondente a 138% do lucro líquido da empresa. A cada R\$ 1 que a Petrobras lucrou, R\$1,38 foram distribuídos aos donos de suas ações, fato inédito em toda a história da estatal brasileira (KONCHINSKI, 2022).

Uma perspectiva importante para compreender esse cenário se consubstancia no pensamento de Stephen Gill (2005), que aponta a existência de práticas exercidas pelo governo dos Estados Unidos na tentativa de unificar a política, a economia e a sociedade global sob um guarda-chuva de supremacia ocidental. De acordo com o autor, desde o colapso da URSS, a estratégia americana se volta para garantir a supremacia das forças neoliberais e fortalecer o poder do capital, baseando essa supremacia na coerção econômica e no uso potencial ou prático de violência organizada para intimidar e fragmentar a oposição (GILL, 2005). O objetivo a longo prazo, segundo Stephen Gill, seria garantir e securitizar o mercado mundial e a civilização de mercado, ou seja, subordinar o papel do Estado às forças privadas da sociedade civil através de um “neoliberalismo disciplinador”. Isso se traduz em uma sociedade globalizada onde o desenvolvimento social é determinado pelo capital e os direitos de propriedade são garantidos de maneira taxativa tanto por via constitucional, quanto militar. Como resultado, Gill (2005) aponta um aumento drástico nos níveis de desigualdade e de extração de lucros através da intensificação da exploração e a renovação de mecanismos primitivos de acumulação. Ademais, também adverte sobre a instrumentalização do FMI e Banco Mundial para pressionar a adoção de medidas liberalizantes nos países que solicitam empréstimos, sobre o endividamento como forma de controle e a difusão de práticas de espionagem e coerção em escala mundial nas últimas décadas (GILL, 1995).

Essa estratégia de supremacia não é uniforme, consistente, sem crises ou sem resistência. No entanto, alguns padrões podem ser observados. Desde o Plano Marshall, os EUA tomaram iniciativas para fazer territórios estrangeiros mais permeáveis ao capital estrangeiro e para substituir o nacionalismo econômico como princípio ordenador do desenvolvimento (GILL, 2005). Isso ocorreu tanto pela via ideológica quanto por interferências diretas, como no caso do golpe orquestrado no Chile em 1973 pelo General Augusto Pinochet, que derrubou o governo democraticamente eleito de Salvador Allende. Promovido secretamente pela administração do ex-presidente Nixon, produziu a primeira instância do Neoliberalismo

Disciplinador, de acordo com Stephen Gill (2005), considerando que ditadura foi implementada para facilitar a implementação da “terapia de choque econômico” projetada pelos “Chicago boys” (economistas da Escola de Chicago) de acordo com a nova fórmula da direita: economia livre e Estado forte. Neoliberalismo disciplinador envolve, por conseguinte, o aumento do uso de estruturas de mercado para garantir disciplina social e organizar a distribuição de bem-estar, mercados de capital e salários, sendo que os custos desse ajuste(externalidades) são reforçados e perpetuados através do aparato repressivo do Estado. Esse foi apenas um caso dentre vários outros (Brasil, Argentina, El Salvador, Guatemala), em que os EUA interferiram com a premissa de vigiar e manter sob controle política e ideologicamente os países, garantir a segurança do mercado mundial e o avanço do capital. O uso da espionagem e guerras de vigilância, o controle de estruturas de comunicação e uma capacidade ampla para intervenção e punição- incluindo bases militares, forças rebeldes ou mercenárias, operações de inteligência e locais de vigilância em mais de 130 países- compõem a estratégia do Pentágono de dominação em todo o espectro (GILL, 2005).

Na visão dos autores Ian Bruff e Cemal Burak Tansel (2019), o neoliberalismo autoritário se encontra na intersecção de uma ampla gama de relações sociais, em que o capitalismo é aplicado de forma a basear práticas de marginalização, disciplina e controle de grupos sociais dissidentes/de oposição. A invocação de termos como “o mercado” e as “necessidades econômicas” como justificativa para práticas arbitrárias que se chocam com o interesse dos trabalhadores, além do uso de uma constelação de aparatos legais, administrativos e coercitivos para se legitimar e se proteger de contestação social, são características inerentes do neoliberalismo autoritário (BRUFF; TANSEL, 2019). A amplitude da dominação, apesar do uso do poder econômico e militar, também recai sobre aspectos mais subjetivos como a personificação do “mercado” e a inevitabilidade da reforma neoliberal, com propagação de discursos e criação de produção intelectual e cultural voltada para reforçar essa noção.

2.2 A HEGEMONIA GRAMSCIANA E O IMPACTO DAS IDEIAS

O pensamento de Antonio Gramsci e sua leitura a respeito da perspectiva marxista sobre ideologias é de grande relevância para a compreensão do fenômeno a ser analisado. Primeiramente, é importante ressaltar que Marx e Engels concebem a ideologia como parte da superestrutura, ou seja, como fruto das relações sociais de produção. Como consequência, a ideologia deveria ser criticamente analisada, no entanto, não era o “motor da história”:

"O processo desse erro pode ser facilmente reconstituído. 1) A ideologia é identificada como distinta da estrutura e se afirma que não são as ideologias que mudam a estrutura, mas, ao contrário, é a estrutura que muda as ideologias; 2) afirma-se que determinada solução política é ‘ideológica’, isto é, insuficiente para mudar a estrutura, quando acredita que poderia mudá-la; afirma-se, então, que ela é inútil, estúpida, etc ; 3) passa-se, por fim, a afirmar que toda ideologia é ‘pura’ aparência, é inútil, estúpida, etc." (GRAMSCI, 2000, p. 159).

Gramsci, por outro lado, discordava da pouca ênfase dos estudos marxistas sobre ideologia e possuía uma perspectiva revolucionária direcionada a contribuir para criação de organizações que atuassem de forma político-pedagógica, conscientizando as pessoas a adquirirem uma visão mais crítica da sociedade. O objetivo era não apenas contar com a ação dos líderes, mas também formar uma base de apoio ampla que fosse ativa e consciente, destacando também o papel dos intelectuais nessa ponte de conhecimento (KONDER, 2002). Dessa maneira, através da compreensão a respeito da ideologia dominante, seria possível identificar como essa se reproduz na sociedade e se torna hegemônica.

Ao se utilizar do conceito gramsciano de hegemonia para aplicar às suas observações sobre o sistema internacional, Robert Cox (1994) define hegemonia como uma combinação de dominação e subordinação em que, nesse caso, a dominação é obscurecida quando se atinge o *status* de aparente aceitação geral, como se fizesse parte da “natureza” (CHASE-DUNN et al. 1994) . A hegemonia portanto pressupõe uma dominação menos palpável, uma “coerência interna que se origina da imposição de uma ordem externa, porém se transforma em uma realidade intersubjetivamente construída” (CHASE-DUNN et al. 1994) Esse processo nunca está finalizado ou completo, devido às oposições internas à ordem hegemônica que levam a uma transformação, ou seja, há uma natureza transitória nesse fenômeno.

As relações internacionais são reflexos e sucedem as relações sociais, de acordo com Chase-Dunn et al (1994), pois inovações orgânicas na estrutura social se refletem através do âmbito militar e no posicionamento externo, o que modifica as relações no sistema internacional. Gramsci aborda como “orgânicas” as estruturas relativamente permanentes, que se diferenciam de modificações conjunturais. As mudanças de poder no sistema internacional, na estratégia dos países e na balança geopolítica, conforme Gramsci (2000), podem ser rastreadas na raiz das mudanças sociais dentro dos países. Essa perspectiva se encaixa com as mudanças observáveis na política externa dos EUA e sua estratégia hegemônica, ao transicionar entre uma postura mais idealista para uma postura mais agressiva externa após o início da Guerra Fria.

No que diz respeito à ordem internacional, uma diferença vital entre a anterior hegemonia britânica e a hegemonia promovida pelos Estados Unidos posteriormente é apontada por (SCHURMANN apud ARRIGHI, 2005), que descreve que enquanto a primeira era econômica, a segunda é essencialmente política. Isso porque, após o caos de duas Guerras Mundiais e a crise mais aguda do capitalismo durante a Grande Depressão, os EUA tomaram à frente no que concerne à organização da política mundial e da criação de instituições internacionais, levadas à cabo pelo presidente Franklin Roosevelt. A Organização das Nações Unidas é, essencialmente, uma ideia política. A reconstrução da Europa e o auxílio aos países subdesenvolvidos como forma de evitar revoluções e inseri-los no mercado mundial promovia a hegemonia através da unificação, ou seja, incorporação dos países à nova ordem para benefício geral. Essa perspectiva, segundo Arrighi (2005), se modifica após a chegada do presidente Truman: o princípio de contenção ao poder soviético durante a Guerra Fria torna-se o organizador da hegemonia. Há uma substituição do idealismo propagado por Roosevelt por um reformismo realista dos seus sucessores, que passam a institucionalizar o controle americano sobre o poder monetário mundial e expandir o poder militar, sendo estes instrumentos centrais da hegemonia estadunidense (ARRIGHI, 2005). Os anos dourados de crescimento econômico pós-segunda guerra mundial culminaram, portanto, na expansão financeira e no ressurgimento de práticas imperialistas.

Henk Overbeek (1994) ressalta que, assim como o poder de coerção é necessário para um grupo hegemônico dentro de um Estado, a liderança moral e intelectual é também ponto crucial para um exercício efetivo da hegemonia de forma internacional. O autor aponta a existência de entidades não-homogêneas(diferentes parcelas da burguesia internacionalizada)

envolvidas na formação de uma hegemonia transnacional, cuja coalizão de interesses representaria o “interesse geral”, ou projeto hegemônico (CHASE-DUNN et al., 1994). Esse projeto se expressa nas diretrizes das organizações internacionais, nos regimes e nas estruturas concebidas para salvaguardar os interesses do *hegemon* e de alguns parceiros, ou seja, da coalizão entre partes da burguesia desses países. A estrutura ideológica passa por configurações históricas de classe e do capital, e altera-se conforme que for mais benéfico para a acumulação de capital. Um exemplo notório é a transição observável entre a prevalência do nacionalismo econômico como política dominante e narrativa central durante as décadas pós-guerra e, após a partir da crise na década de 1970 e da reconfiguração do capitalismo em torno da financeirização, a ascensão do neoliberalismo como narrativa predominante e hegemônica.

Conforme Gramsci (2000) alerta, existem forças sociais excluídas cujo consentimento não foi consolidado, que podem vir a ser a base para movimentos de resistência e visões alternativas, sendo esse o foco da sua análise e dos seus esforços de mobilização. Outro pensamento que sintetiza essa percepção é encontrado nas palavras Stuart Hall: “Nenhum projeto atinge hegemonia como um fim, é um processo, nenhuma vitória é permanente e a hegemonia deve ser sempre trabalhada, nutrida, revisada e renovada” (HALL, 2011, p. 727). A hegemonia é, portanto, ponto crucial para compreender porque há um investimento contínuo de tempo e, principalmente, de recursos, para criar, manter e expandir institutos focados na divulgação de ideias.

A propagação e normalização de ideias e conceitos torna-se indispensável dentro de um cenário democrático, já que os tópicos que permeiam o debate público são ponto de partida para defesa de políticas e pautas que resultam em mudanças concretas na sociedade, antes e após o exercício do voto. Tem vantagem quem, dentro desse âmbito, consegue pautar e direcionar o debate a seu favor. É nesse aspecto que o trabalho dos think tanks se torna relevante, considerando que o ponto principal que norteia a atuação dessas instituições é justamente, a discussão a respeito das políticas públicas. Como consequência, os relatórios, os ensaios e as produções científicas, sejam elas assumidamente conectadas a alguma vertente política ou não, são pontos imprescindíveis que essas instituições utilizam para repassar sua *expertise* aos formuladores de políticas públicas. O papel dos intelectuais também era abordado por Antonio Gramsci (2000), que ressaltava o papel central destes na construção de um bloco histórico, por conectarem-se organicamente às classes sociais, construir e desenvolverem “imagens mentais”, tecnologias e organizações que unem os membros de uma classe e de um bloco histórico à uma identidade comum. A presença de intelectuais que

elaborem essas conexões torna-se, por conseguinte, indispensável à ação dos think tanks, que reúnem esses intelectuais com o objetivo de analisar políticas públicas. É importante ressaltar a existência dessas instituições das mais diversas vertentes políticas, tanto do espectro da direita quanto da esquerda, como por exemplo o Centro de Estudios de Estado y Sociedad (CEDES), na Argentina e o Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC), no Brasil (INESC, 2023; CEDES, 2023). Entretanto, no cenário brasileiro, os institutos vinculados às vertentes do liberalismo e da nova direita são os que obtiveram maior relevância tanto na influência para a aprovação de projetos dentro da máquina pública, quanto na geração de novos influenciadores e no impulsionamento de suas candidaturas aos cargos políticos. Se antes a proteção ao Estado de bem-estar social, a rejeição às privatizações e a promoção da justiça social eram pautas recorrentes na política brasileira da década passada, esses temas deram lugar às novas pautas à favor da redução da atuação do Estado, da desregulamentação da economia e do conservadorismo e pautas morais.

Considerando que o capital transnacional, conforme descrito por Stephen Gill (2005) é majoritariamente proveniente dos Estados Unidos, não é surpreendente que grande parte das instituições de vertente liberal e do suporte financeiro para elas seja proveniente desse país. A classe dominante dos EUA provê suporte financeiro e logístico a esses institutos por algum motivo: completamente idealista ou não, esses institutos se “vendem” através da demonstração do impacto que conseguem obter na influência para modificação, aprovação ou rejeição de certas políticas públicas nos países em que atuam (BRUM, 2022). Dado que Atlas Network é uma instituição estadunidense, com base nas premissas de ideólogos liberais da Sociedade Mont-Pèlerin, e reproduz esses preceitos através de seus cursos, palestras e parcerias com institutos liberais, essas reflexões são cruciais para compreender por que houve um aumento drástico no crescimento e no investimento repassado a eles na última década.

3 O PAPEL DOS THINK TANKS NO CASO BRASILEIRO: A MATRIZ ATLAS NETWORK

Neste capítulo, o estudo de caso se inicia, com a análise da Atlas Network e suas conexões com instituições brasileiras. Primeiramente, um breve panorama sobre a história, a consolidação e feitos notáveis dessa instituição será realizado para, posteriormente, abordar um caso paradigmático de atuação de um think tank no Brasil. Ademais, a conexão com os institutos brasileiros e a influência desses nas mídias sociais também será objeto de análise.

3.1 A ATLAS NETWORK: UMA REDE DE CONEXÃO ENTRE THINK TANKS

“No longo prazo, é uma batalha de idéias, e é o intelectual o jornalista, romancista, cineasta e assim por diante, que traduz e transmite as idéias dos estudiosos para o público mais amplo que é criticamente importante. Ele é o filtro que decide o que ouvimos, quando ouvimos e como ouvimos”.
(John Blundell sobre os “insights estratégicos” de Hayek, 1990)

A reflexão concebida por Friedrich Hayek, economista membro da Sociedade Mont-Pèlerin e engajado no movimento liberal a respeito do foco na cooptação dos intelectuais, dos professores e da mídia, exprime bem o que Tom Medvetz (2008) aponta a respeito da autoridade dos think tanks: estes possuem uma aura de neutralidade, soberania intelectual e independência dos seus estudos e relatórios, com suas produções enquadradas no âmbito do rigor científico. Esses centros de pesquisa independentes, construídos por meio da união de intelectuais para produzir estudos econômicos e com enfoque em políticas públicas passaram a compor o cenário político de diversos países após o fim da Segunda Guerra Mundial (PASTORE, 2012). A organização de intelectuais para criação de um fórum de discussão e pesquisa pode ser enquadrada na perspectiva gramsciana de “intelectual orgânico”, conceito utilizado para demonstrar como a produção intelectual está relacionada de maneira dialética com os processos de mudança histórica, ou seja, intelectuais são moldados pelo processo, assim como influenciam nele (GILL, 1993). Essas organizações geralmente se sustentam a partir de doações de fundações privadas, corporações de negócios e alguns indivíduos, embora algumas mantenham certas conexões com centros de pesquisa de universidades ou até partidos políticos (BRUM, 2022).

A Sociedade Mont-Pèlerin desde seu início, fomentou a criação de institutos afiliados já que, conforme visto acima, a pretensão de Hayek era atingir a opinião pública através de canais mais indiretos, sem envolver inicialmente a participação política. Os próprios

membros da SMP também fizeram parte da criação ou do corpo de membros de outros think tanks liberais, amparando o desenvolvimento destes e das pesquisas subsequentes (BRUM, 2022). A maior parcela desses institutos fundados com base na perspectiva econômica propagada por Hayek possuem um elo de influência: o trabalho de Anthony Fisher e a rede da Atlas Network.

As realizações do think tank fundado por Fisher no Reino Unido, no ano de 1955, compuseram um caso paradigmático para esse tipo de instituição. O modelo de atuação, replicado nos Estados Unidos e nos think tanks que emergiram ao redor do globo, favoreceu a criação da Atlas Economic Research Foundation em 1981, com o intuito de conectar e auxiliar na criação de novas instituições. Esse acontecimento se configurou como um marco no processo de transnacionalização dos institutos liberais.

3.1.1 O IEA e o impacto na arena política britânica

“Fique fora da política e apresente seu caso aos intelectuais isto é, aos professores e à mídia porque eles, por sua vez, influenciam as pessoas. [...]”. (Antony Fisher em alusão aos conselhos recebidos de Hayek, 1985)

A criação do Institute of Economic Affairs no ano de 1955 em Londres, no Reino Unido, foi um marco importante na história dos think tanks e, principalmente, para a história da Atlas Network. Foi após a experiência bem-sucedida do IEA que Anthony Fisher passou a ser requisitado para auxiliar na fundação de outros think tanks e, também, fundar a rede da Atlas. O IEA foi idealizado após uma recomendação de Friedrich von Hayek a Anthony Fisher, que aplicou sua orientação e se uniu a Ralph Harris e Arthur Seldon, também defensores das teses liberais e do livre-mercado, para fundar o think tank (IEA, 2023). Os estudos econômicos produzidos pelo instituto, que se respaldavam nos intelectuais que participavam das atividades ou contribuía nas publicações, produziram impacto a ponto de legitimar o IEA como instituição de renome. A participação de figuras ilustres, de acadêmicos renomados de Economia da London School of Economics e membros da Sociedade Mont-Pèlerin, fez com que o instituto fosse cada vez mais respeitado pela opinião pública e pelos formuladores de políticas, resultando na participação de alguns membros do IEA na equipe econômica de Margaret Thatcher (GROS, 2003). Isso se refletiu na aplicação de medidas de austeridade fiscal, cortes de gastos públicos, privatizações e o todo o amplo receituário do neoliberalismo disciplinador anteriormente mencionado.

O processo de experimentação dos “Chicago Boys” na ditadura chilena anteciparia as

medidas colocadas em prática posteriormente no Reino Unido e nos Estados Unidos. Na Grã-Bretanha, o IEA foi essencial para a construção de uma base consensual que permitisse a chegada de Margaret Thatcher ao poder defendendo essas premissas liberais (GONZALBO apud BRUM, 2022). Diferentemente do caso chileno, em que a ditadura foi a via escolhida pelos formuladores da política neoliberal, no Reino Unido os esforços se direcionavam para influenciar a opinião pública a respeito dos benefícios do neoliberalismo, para alcançar a legitimidade através do voto e aplicação das políticas com o mínimo de oposição popular. A ex-primeira-ministra britânica era frequentadora do instituto e, ao trocar correspondências com Friedrich Hayek, afirmou:

“A mudança do socialismo de Allende para a economia capitalista de livre-empresa dos anos 1980 é um exemplo marcante de reforma econômica com a qual podemos aprender muitas lições. [...] Contudo, tenho certeza que você vai concordar que, na Grã Bretanha com nossas instituições democráticas e a necessidade de um alto grau de consentimento, algumas das medidas adotadas no Chile são bastante inaceitáveis” (THATCHER, 1982).

A admiração de Thatcher pelo regime chileno e pelo General Augusto Pinochet era de conhecimento público, reforçada pelo sua postura passiva diante da condenação da comunidade internacional às violações de direitos humanos e elogios frequentes às políticas adotadas no país (COLOMBO, 1999). De forma semelhante ao processo no Chile, a equipe econômica do governo britânico era proveniente de escolas ou fundações neoliberais, contribuindo para a formação e implementação do seu programa político. Portanto, além de divulgar as ideias e difundir o ideário neoliberal para a população, muitos membros do IEA tornaram-se funcionários do governo eleito (GROS, 2003). A influência do instituto pode ser notada através dos agradecimentos da primeira-ministra ao diretor Ralph Harris:

“Deixe-me agradecer o que você fez pela causa da livre empresa ao longo de tantos anos. Foi principalmente o seu trabalho de fundação, que nos permitiu reconstruir a filosofia sobre a qual nosso Partido teve sucesso no passado. A dívida que temos com você é imensa e estou muito grata”
(THATCHER, 1979).

Embora não se classifique formalmente como ditadura, o período em que Thatcher esteve no poder foi marcado pela brutalidade policial contra os sindicalistas para dismantelar as greves, medidas impopulares de cortes de gastos públicos e privatizações em inúmeros setores, deixando a desindustrialização e altas taxas de desemprego como legado (DIAS LEITE, 2009). O aparato repressivo estatal era aplicado, portanto, para viabilizar as mudanças, retaliar os opositores e suas manifestações públicas e, por conseguinte, para

salvaguardar os interesses dos poucos beneficiados pela política econômica contracionista.

3.1.2 A formação e estruturação da Atlas Network

“Como vocês sabem, é possível para um ditador governar de maneira liberal. E é possível que uma democracia governe com uma falta total de liberalismo. Pessoalmente, prefiro um ditador liberal a um governo democrático sem liberalismo”.
(HAYEK, 1981)

O histórico bem sucedido na Grã-Bretanha fez com que Fisher fosse reconhecido como figura notável no âmbito dos think tanks, sendo convidado para participar e apoiar vários outros como: Fisher Institute (Canadá, 1975); Center for Independent Studies (Australia, 1976); Manhattan Institute for Policy Research (EUA, 1977); Center for Economic Policy Studies (EUA, 1977) e o Pacific Institute for Public Policy (EUA, 1979) (BRUM, 2022, p.64). Mais uma vez, o economista Friedrich Hayek teve papel-chave na formação da Atlas, já que ele apoiou a criação de uma rede que pudesse apoiar outros think tanks e acreditava no potencial de Anthony Fisher para coordenar esse projeto (DJELIC, 2017).

Em 1981, Antony Fisher decide criar, em Washington, a Atlas Economic Research Foundation (Atlas Network). Logo após a sua criação, em 1987, a Atlas se associaria ao Institute for Humane Studies (IHS), fundado por F.A. Harper, conhecido de longa-data de Anthony Fisher. A perspectiva de John Blundell (presidente da Atlas e do IHS de 1987 a 1990) é interessante para compreender o porquê da criação dessa rede: o objetivo final seria “[...] abarrotar o mundo com think tanks que defendam o livre mercado” (COCKETT, 1995, p. 307). Faz-se necessário ressaltar que, assim como no governo de Thatcher, alguns profissionais que compuseram a equipe de governo do ex-presidente Ronald Reagan também haviam participado ou eram membros de think tanks neoliberais (DJELIC, 2017). Ambos governos foram marcos da ascensão do neoliberalismo e, tendo em vista a posição hegemônica dos EUA à época, outros países foram influenciados (ou até mesmo obrigados) a aderir a tais práticas, através de órgãos internacionais como FMI e Banco Mundial e suas exigências para concessão de empréstimos. Alguns institutos que participaram do governo de Reagan foram: Cato Institute, Center for Policy Studies (atual Manhattan Institute) e Heritage Foundation. O CPS, além de também ser criação de Anthony Fisher, contou com outro fundador importante: Bill Casey. Esse viria a ser gerente de campanha de Reagan e, posteriormente, primeiro diretor da CIA durante sua administração. Conforme Marie-Laure Djelic (2017) explicita: “Como gerente de campanha de Reagan, Casey mobilizou

significativamente a Sociedade Mont Pèlerin[...]"

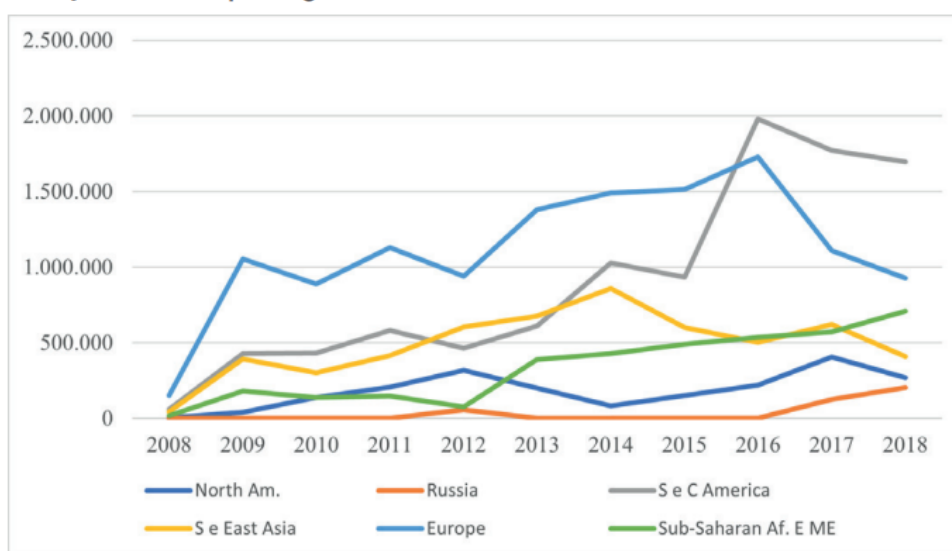
A Atlas Network, desde sua fundação, atua em diferentes frentes: criação, apoio financeiro, apoio logístico para a manutenção desses novos think tanks e conexão entre esses institutos e seus doadores. De acordo com o site da instituição, a Atlas Network atualmente conecta mais de “500 think tanks em quase 100 países”(ATLAS, 2023a). Segundo sua própria descrição, seus parceiros seriam “[...]a demonstração de um trabalho justo, baseado em princípios, para influenciar a opinião pública a favor de uma sociedade livre”(ATLAS,2023a). Alguns dos benefícios de integrar a rede Atlas, para além do suporte já citado, se materializam nas oportunidades para participação em eventos como workshops, Fóruns Regionais da Liberdade, premiações e reconhecimento, além de bolsas de viagem e um curso próprio de MBA para executivos (FISCHER, 2018, p. 11). Alguns brasileiros que foram alunos dos cursos ou trabalharam na Atlas Network são: Fabio Ostermann, Estagiário da Atlas (2009) formado pela Atlas Leadership Academy (2013), membro do Estudantes Pela Liberdade e um dos fundadores do MBL; Magno Karl, Estagiário (2011), Editor (2012) e Gerente de Operações da Atlas (2013-2015), além de ter sido Diretor Executivo do Livres; Juliano Torres, formado na Atlas Leadership Academy (2014) e um dos fundadores do EPL; e, por fim, Débora Gois Torres (esposa de Juliano Torres), formada na Atlas Leadership Academy e Diretora de Captação de Recursos do EPL (2015-2017) (BRUM, 2022, p.131).

De acordo com o site da Atlas, a instituição é uma organização independente de cunho não-lucrativo, portanto, não recebe qualquer tipo de recurso governamental e é mantida exclusivamente através da “generosidade de doadores”, sejam eles indivíduos, empresas ou outras instituições. Essa retórica também se repete na descrição do Centro para América Latina, criado pela Atlas para dar suporte aos think tanks da região (ATLAS, 2023b). Faz-se necessário ressaltar, entretanto, a existência de pesquisas relevantes, tais quais os trabalhos de Camila Vidal, Jade Lopez e Luan Correa (2021) e Nicolas Guilhot (2003); que fazem referência à obtenção de recursos por parte da Atlas através de dois órgãos que, embora não sejam identificados como governamentais, recebem recursos do Departamento de Estado dos Estados Unidos: o National Endowment for Democracy (NED) e o Center for International Private Enterprise (CIPE). Há, por conseguinte, evidências da utilização de uma complexidade burocrática para transmutar esses repasses financeiros governamentais em recursos privados. O CIPE, braço do NED que possui como foco a atuação no exterior, já repassou recursos diretamente para alguns institutos parceiros da Atlas, como o CEDICE Libertad, na Venezuela (BRUM, 2022). A América Latina, no geral, têm sido o principal

destino para doações de recursos provenientes da Atlas Network desde o ano de 2015 (VIDAL; LOPEZ, 2022).

Gráfico 1- Gráfico demonstrando o aumento de doações da Atlas Network para a América Central e América do Sul após o ano de 2015

Gráfico 3: Doação da Atlas por região



Fonte: Elaboração própria com base nos Formulários 990 (ATLAS NETWORK, 2020b)

Fonte: Vidal e Lopez, 2022.

A atuação do CEDICE Libertad, citado anteriormente, destaca-se pelo papel relevante desempenhado no debate a favor da abertura da indústria de petróleo venezuelana ao investimento privado. O projeto “Citizen Oil”, incluído no “Plano País” do ex-presidente interino autoproclamado Juan Guaidó, defendia a “libertação do controle estatal” como método para aumentar a eficiência da indústria do petróleo (ATLAS, 2020).

Outro destaque de impacto por parte de um parceiro latinoamericano da Atlas Network, é a influência da campanha da Fundação Piensa no plebiscito para rejeição da nova Constituição chilena. Um dos finalistas ao prêmio Regional Liberty Awards (RLA) foi a Fundação Piensa, devido à sua campanha de conscientização a respeito da reforma constitucional. Na descrição sobre a atuação do instituto, se observa:

“Quando um novo projeto ameaçou jogar fora a longa tradição chilena de garantias de separação de poderes, a Fundação Piensa se mobilizou para engajar os indecisos. A campanha “Piensa tu Constitution” atingiu mais de 2,5 milhões de chilenos. Trabalhando em conjunto com parceiros da Atlas Network ao redor do país, os eleitores escutaram a mensagem da Fundação Piensa e decidiram rejeitar a nova constituição.”(ATLAS, 2023c)

Com a rejeição, permanece a Constituição redigida ainda durante o período da ditadura de Pinochet, enquanto em novo projeto é elaborado após votação favorável para reiniciar o processo.

Figura 1- Finalista do prêmio Regional Liberty Awards



Fundación P!Ensa (Chile)

When a constitutional referendum proposed throwing out Chile's long-standing guarantees of checks and balances in government, Fundación Plensa mobilized to engage undecided voters. Its campaign, "Plensa tu Constitución," reached more than 2.5 million Chileans. Working together with Atlas Network partners nationwide, voters heard Fundación Plensa's message and decisively rejected the new constitution.

Fonte: Atlas Network, 2023.

Nota-se, ademais, a relevância do parceiro da Atlas, CED Uruguay, ao conseguir uma entrevista exclusiva com o presidente do país.

Figura 2- Centro latinoamericano da Atlas Network entrevista o presidente Luis Lacalle, em parceria com o Centro de Estudos para o Desenvolvimento do Uruguai



Fonte: Atlas Network, 2023b.

3.2 O COMPLEXO IPES/IBAD E A INTERFERÊNCIA ESTADUNIDENSE NO BRASIL NA DÉCADA DE 1960

Quando o movimento civil-militar contra João Goulart já se encontrava bem encaminhado, a Embaixada Americana “assegurava aos conspiradores que os Estados Unidos estavam ao lado deles” (DREIFUSS, 1981, p.172)

Um caso relevante de atuação de um think tank e suas repercussões no cenário político brasileiro é abordado por René Armand Dreifuss, em sua obra “1964: A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe”. Nela, o autor destrincha as conexões entre a mídia, intelectuais, militares e empresários da elite econômica que faziam parte do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES). Esses institutos cumpriram, segundo o autor, um papel fundamental para a articulação desses grupos e a criação de uma atmosfera de aceitação e legitimidade, por parte da população brasileira, com relação ao golpe militar (DREIFUSS, 1981). Ademais, assim como o caso mais recente abordado nesta análise, a presença estadunidense pôde ser observada durante o florescimento de ideologias radicais à direita e de mudanças drásticas na estrutura política (a implementação de uma ditadura em 1964 e o processo de impeachment em 2016).

O IBAD, fundado em 1959 ainda durante o governo de Juscelino Kubitschek, se opunha veementemente ao trabalhismo e era composto, principalmente, por militares e empresários. O IPES, por outro lado, tinha no seu quadro de integrantes, além dos grupos já mencionados, alguns intelectuais de renome e pessoas ligadas aos grupos de mídia. Lançado em novembro de 1961, o IPES foi bem recebido pelos grandes órgãos da imprensa (O Globo, Correio da Manhã, o Jornal do Brasil) e tinha como membros notáveis os escritores Rubem Fonseca (um dos líderes do instituto), Nélida Piñon e Rachel de Queiróz (DREIFUSS, 1981). Logo após o surgimento do IPES, ambas instituições se fundem e formam o complexo IPES/IBAD.

De acordo com Dreifuss:

“O IPES desenvolveu uma dupla vida política desde o seu início. Aos olhos de simpatizantes e defensores, a sua face pública mostrava uma organização de “respeitáveis homens de negócio” e intelectuais, com um número de técnicos de destaque, que advogavam “participação nos acontecimentos políticos e sociais e que apoiavam a reforma moderada das instituições políticas e econômicas existentes. Seu objetivo ostensivo era estudar “as reformas básicas propostos por João Goulart e a esquerda, sob o ponto de vista de um tecno-empresário liberal”(DREIFUSS, 1981, p.163)

O complexo formado pela união desses institutos, que conectava os intelectuais orgânicos e

trazia coesão aos seus projetos tal qual Antonio Gramsci⁶ aborda, tinha como principal objetivo depor o governo nacional-desenvolvimentista de João Goulart, após a tentativa fracassada no ano de 1961⁷. Dado à conjuntura de ápice das tensões durante a Guerra Fria, esse complexo se utilizou do “pânico comunista” para atribuir essa alcunha ao presidente reformista e incitar a opinião pública na direção de repúdio do governo.

Outro pontos de destaque do documento de lançamento do IPES, que René Dreifuss (1981) aborda, é o liberalismo defendido pelo instituto, com participação de “dirigentes de empresas e profissionais liberais que participam com convicção democrática, como patriotas e não como representantes de alguma classe ou de interesses privados” (DREIFUSS, 1981, p. 163-164). Os materiais de campanha produzidos por intelectuais, escritores e jornalistas, cada qual direcionado a um público-alvo específico (estudantes, trabalhadores, empresários, donas-de-casa, entre outros) traziam estudos defendendo pautas como: Estado mínimo, com poucas políticas sociais e reduzida capacidade de intervenção na economia; liberdade de mercado e a defesa da iniciativa privada como principal provedor de bens básicos como educação, moradia e alimentação. O autor ressalta, todavia, outro aspecto mais secreto, que “coordenava uma sofisticada e multifacetada campanha política, ideológica e militar”. Os fundadores do IPES dedicavam-se, segundo Dreifuss (1981) à “manipulação de opiniões e guerra psicológica”, sendo antes sugestionado que o instituto agisse de forma inicialmente secreta, ideia posteriormente descartada por membros que consideraram mais vantajoso operar com conhecimento público.

O IPES exerceu grande influência nas pautas dos veículos de mídia à época (Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, Estado de São Paulo e O Globo), pois possuía um “relacionamento especial” e recebia suporte dos órgãos da imprensa para difundir os artigos de opinião produzidos pelos seus intelectuais e, até mesmo, notícias sem fonte específica ou sem base material. Um caso curioso de “fake news”, propagada pelo “O Globo” à época, foi a notícia enviada pelo IPES de que a URSS estaria articulando de forma interna e externa a instalação de um Gabinete Comunista no Brasil. Essa “notícia” impactou de forma significativa a opinião pública, reforçando a perspectiva anticomunista (DREIFUSS, 1981, p. 233).

Concomitantemente, havia uma conexão entre o complexo IPES/IBAD e instituições

6 Os intelectuais são os comissários do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político (Gramsci, 2010). Dessa maneira, constroem o bloco histórico burguês ao conectar estrutura e superestrutura e reforçar o apoio ideológico a essa forma histórica de organização social.

7 João Goulart se encontrava na China quando Jânio Quadros renunciou à presidência e houve uma tentativa de golpe por parte dos militares, resultando no exílio de Goulart, por alguns dias, até retornar e assumir a presidência em setembro de 1961.

estadunidenses como o American Economic Foundation (AEF) e o Latin American Information Committee (LAIC), além do apoio do programa financeiro Aliança para o Progresso- estratégia contra-revolucionária do presidente John Kennedy no início dos anos 1960. O grupo que fazia parte do IPES chegou até mesmo a se reunir, no ano de 1962, com o presidente do Senado estadunidense (DREIFUSS, 1981).

Considerando que os Estados Unidos contribuíram com apoio militar direto ou auxiliaram na articulação de projetos para depor líderes que não estivessem de acordo com seu projeto hegemônico, é curioso notar a presença de think tanks semelhantes ao IPES em países como Guatemala, México, El Salvador, Colômbia, Chile, Argentina, Venezuela, Peru e Equador (DREIFUSS, 1981, p. 169-170). Todos os países citados foram vítimas desse tipo de interferência política por parte dos EUA.

É necessário ressaltar que, para além da campanha ideológica e da manipulação da opinião pública, o IPES/IBAD propunha projetos de lei e um conjunto de iniciativas que compunham as Reformas de Base. Algumas delas foram a Reforma Constitucional, Reforma da Legislação Trabalhista, a Reforma Agrária, a Reforma Bancária e a Reforma Tributária (DREIFUSS, 1981).

As semelhanças perceptíveis entre a atuação do Complexo IPES/IBAD e a do Instituto Millenium são destacadas através da comparação levantada pela pesquisadora Bruna Pastore (2012). O Instituto Millenium (um dos parceiros da Atlas Network no Brasil) assim como o IPES/IBAD, conta com o apoio de algumas figuras de renome da mídia (Ali Kamel, diretor de jornalismo da Rede Globo, Pedro Bial, que é também membro fundador), jornalistas, políticos e empresários como Paulo Guedes e Hélio Beltrão. O Imil possui também muitas colunas de opinião em jornais e revistas, escritas por figuras centrais para o discurso liberal brasileiro. Ambas instituições possuem, portanto, um histórico de atuação conectada com veículos de mídia de ampla circulação, com participação de figuras públicas importantes e membros da elite intelectual e econômica (PASTORE, 2012).

O caso do complexo IPES/IBAD demonstra que uma interferência política por parte da elite econômica, com apoio externo dos EUA, foi uma estratégia anteriormente aplicada em território nacional. A importância dos veículos de comunicação, da opinião pública e da fabricação de um consentimento são observáveis nesse caso, em que os ataques às políticas do presidente João Goulart e a difusão de discursos à direita favoreceram um ambiente de maior apoio popular ao golpe de 1964.

3.3 INSTITUTOS PARCEIROS NO BRASIL E A EXPORTAÇÃO DE IDEOLOGIAS LIBERAIS: O FINANCIAMENTO, O SUPORTE E AS CONEXÕES

“Uma última pergunta, por favor, só para não fomentar boatos. A ligação das fundações Koch com o Students for Liberty através de financiamento direto e através de outras fundações associadas aos irmãos Koch tem despertado suspeita, já que os Koch são donos de indústrias petroleiras que poderiam ter interesses aqui.”

-A Atlas recebe 0,5% de financiamento dos Koch, a Students for Liberty, não sei. Até logo.(resposta de Alejandro Chafuen à jornalista Marina Amaral durante o Fórum da liberdade em 2015)

Após a crise de 2008, diferentes diagnósticos para o problema alcançaram relevância pública, sendo um deles as premissas dos “libertarians” norte-americanos. Estes, se opunham à implementação de uma regulamentação mais efetiva do mercado financeiro, defendendo a tese de que as intervenções estatais para proteção de determinados setores da economia, seriam as verdadeiras causas da crise. Esse grupo já se colocava contrário a diversas políticas sociais do governo Barack Obama e enfatizava a primazia do indivíduo sobre o Estado, a defesa absoluta da propriedade privada e liberdade plena do mercado. Os libertaristas, por sua vez, se diferenciavam da extrema-direita ao defender políticas mais progressistas no que concerne à liberdade individual, que incluía maior tolerância com a sigla LGBTQ+ e com pautas relacionadas ao uso de drogas. Essa tendência passa a se modificar a partir do momento que alguns desses grupos (muitos também associados ao Cato Institute) se aliam ao Tea Party, para compor a nova direita que, conforme anteriormente explicitado, viria a ser um movimento globalizado, presente também no Brasil (AMARAL, 2015).

A criação do Instituto Liberal no Rio de Janeiro, em 1983, constitui um marco importante: o primeiro instituto neoliberal do Brasil. Criado pelo empresário Donald Stewart⁸, sob orientação de Anthony Fisher e Hayek, o Instituto foi pioneiro em traduzir publicações de autores da Sociedade Mont-Pèlerin como Ludwig Von Mises, Friedrich Hayek, Murray Rothbard, entre outros. É curioso notar que a empresa de Donald Stewart durante o período da ditadura militar brasileira, foi uma das maiores empreiteiras e se associou à construtora norte-americana Leo A. Daly para construir escolas no Nordeste para a Sudene. A participação de companhias dos EUA nas obras era exigência dos financiamentos da Usaid – a agência de desenvolvimento americana que funcionava como braço da CIA durante as ditaduras latino-americanas (AMARAL, 2015).

⁸ Também associado à Sociedade Mont Pèlerin, CATO Institute, Heritage Foundation, Atlas Foundation, Fraser Institute, Liberty Fund e IEA.

Quadro 1 - Outros empresários e intelectuais envolvidos na criação do IL-RJ

Empresários	Intelectuais
Roberto Konder Bornhausen (Unibanco)	Antônio Porto Gonçalves (Mestre e Doutor em Economia pela Universidade de Chicago e professor na Escola de Pós- Graduação em Economia da FGV)
Jorge Simeira Jacob (Grupo Fenícia)	Og Francisco Leme (Doutor em Economia pela Universidade de Chicago e aluno de Milton Friedman)
Jorge Gerdau Johannpeter (Grupo Gerdau)	José Luiz Carvalho (Membro da Sociedade Mont Pèlerin, Doutor em Economia pela Universidade de Chicago, onde também foi aluno de Milton Friedman, e professor na Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas FGV)
Winston Ling (Olivebra)	

Fonte: Brum, 2022.

O empresário gaúcho Jorge Gerdau é um dos idealizadores do Fórum da Liberdade, que surgiu em 1988 com a intenção de promover o debate entre diversas correntes de pensamento. Em suas primeiras edições, o Fórum incluiu o ex-presidente Lula, o ex-ministro José Dirceu e o falecido ex-governador Leonel Brizola entre os debatedores. No Fórum realizado em 2015, no entanto, o cenário era diferente: participantes de viés conservador, como o senador Ronaldo Caiado, bradavam frases de efeito contra a corrupção do governo, contra o “Foro de São Paulo”, e favoráveis ao impeachment, com ataques também ao BNDES. As acusações do senador foram feitas sob os logotipos da Gerdau e Ipiranga (do grupo Ultra), que estão entre os maiores tomadores de empréstimos do BNDES, segundo os dados levantados pela Folha de São Paulo. Ambos obtiveram individualmente mais de R\$ 1 bilhão de recursos do banco apenas entre 2008 e 2010 (AMARAL, 2015).

Foi no Fórum da Liberdade no ano de 2006 que o Instituto Millenium foi oficialmente lançado, tornando-se um dos principais think tanks da direita brasileira, cujos mantenedores vão desde a Gerdau, a editora Abril (fato que justifica a presença de colunas de opinião em veículos jornalísticos relevantes) e a Pottencial Seguradora, uma das empresas de Salim Mattar, dono da locadora de veículos Localiza. A Suzano, o Bank of America Merrill Lynch e o grupo Évora (dos irmãos Ling) também são parceiros do Imil (PASTORE, 2012).

Outros empresários importantes de destaque no movimento liberal, além de Salim Mattar e Jorge Gerdau, são os da família Ling. William Ling participou da fundação do Instituto de Estudos Empresariais (IEE) em 1984, que também foi o organizador da primeira edição do Fórum da Liberdade, além de ter participado do Imil e do Instituto Liberdade do Rio Grande do Sul; seu irmão, Winston Ling, além de membro-fundador do IL-RJ, também participou da fundação do IL-RS, do IEE e foi membro do conselho consultivo do Students For Liberty Brasil; Anthony Ling, filho de William, fundou o grupo Estudantes pela Liberdade, que mais tarde resultou no MBL. Ademais, destaca-se também o empresário do grupo Ultra, Hélio Beltrão, que foi um dos fundadores do Instituto Millenium e possui o próprio instituto, o Mises Brasil (BRUM, 2022).

Figura 3- Institutos liberais brasileiros que fazem parte da rede da Atlas Network

Figura 1: Institutos brasileiros membros da Atlas Network e sua data de fundação

INSTITUTO LIBERAL – RJ (1983)	INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS (1984)	INSTITUTO LIBERDADE (1986)	INSTITUTO MILLENIUM (2005)	INSTITUTO MISES BRASIL (2009)
INSTITUTO LÍDERES DO AMANHÃ (2011)	ESTUDANTES PELA LIBERDADE (2012)	INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES (MG) (2012)	INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES (SP)	INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES (SC)
INSTITUTO LIBERAL DE SÃO PAULO (2014)	CENTRO MACKENZIE DE LIBERDADE ECONÔMICA (2016)	LIVRES (2016)	INSTITUTO ATLANTOS (2017)	OBSERVATÓRIO DO EMPREENDEDOR (2020)

Fonte: Elaboração própria com base em ATLAS NETWORK, 2021.

Fonte: Vidal e Lopez, 2022.

Em matéria de abril de 2015 intitulada “Students For Liberty Plays Strong Role In Free Brazil Movement”, no site da Atlas Network, é citado o papel de Kim Katagiri como representante do Estudantes pela Liberdade e parceiro da Atlas Network em organizar o Movimento Brasil Livre e os protestos favoráveis ao impeachment, destacando que muitos integrantes do MBL passaram pelo programa de treinamento (Atlas Leadership Academy) e aplicam os conhecimentos obtidos nos seus países de origem. “Estudantes Pela Liberdade é apenas um dos vários parceiros que trabalham junto com a Atlas Network para derrubar as barreiras à liberdade dentro do Brasil” (ATLAS, 2015). Nota-se, portanto, que a passagem de alguns membros do Estudantes pela Liberdade pelo programa de treinamento, além do suporte oferecido pela Atlas para manutenção do instituto, viria a ser crucial para a organização dos protestos favoráveis ao impeachment.

Juliano Torres, que foi diretor executivo do Estudantes pela Liberdade (EPL), esclareceu

sobre a ligação entre o EPL e o Movimento Brasil Livre (MBL). O MBL foi uma marca criada pelos participantes do EPL que queriam se engajar nas manifestações de rua sem comprometer seu vínculo com as organizações americanas, já que estas são impedidas de doar recursos para ativistas políticos conforme a legislação da receita americana. De acordo com Juliano:

“Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas e a Students for Liberty, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: ‘Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. E aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10 mil likes na página, panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguirí] e o Renan [Haas], que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também. E boa parte dos organizadores locais são membros do EPL. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança. O Kim, inclusive, vai participar agora de um torneio de pôquer filantrópico que o Students For Liberty organiza em Nova York para arrecadar recursos. Ele vai ser um palestrante.[...]” (TORRES apud AMARAL, 2015).

Juliano Torres em 2015 possuía um cargo remunerado no EPL, que exigia sua participação em reuniões online com a sede americana. Ademais, relatou sua participação no encontro de lideranças realizado em Washington (EUA), com despesas pagas. O orçamento do Estudantes pela Liberdade no Brasil, que alcançou a marca de R\$ 300 mil no ano de 2015, obteve um aumento substancial de valores entre 2014 e 2015. De acordo com entrevista à jornalista Marina Amaral (2015), Juliano Torres relatou que: “No primeiro ano, a gente teve mais ou menos R\$ 8 mil, o segundo foi para R\$ 20 mil e poucos mil, de 2014 para 2015 cresceu bastante. A gente recebe de outras organizações externas também, como a Atlas. A Atlas, junto com a Students for Liberty, são nossos principais doadores” (TORRES apud AMARAL, 2015).

O aumento nos repasses indica uma tendência observada pelas pesquisadoras Camila Feix e Jade Lopez (2022): o crescimento dos investimentos em think tanks liberais no Brasil entre 2003 e 2015. Partindo de 3 institutos construídos ainda nas décadas de 1980-1990 para, durante os governos do Partido dos Trabalhadores, um total de 10 institutos novos. A Atlas conta com um total de 15 institutos parceiros no país. Nesses, as retóricas a favor da liberdade individual, de redução de impostos e Estado mínimo são propagadas, combinadas com um “empoderamento” da juventude e rejeição às políticas afirmativas, com base na premissa de

que é o indivíduo seria a menor minoria e a meritocracia, a chave para o crescimento pessoal (AMARAL, 2015).

Figura 4- Alguns think tanks liberais brasileiros vinculados à Atlas Network

Atlas Network works with more than 475 free-market organizations in more than 90 countries. Estudantes Pela Liberdade is just one of several Atlas Network partners working to tear down Brazil's barriers to liberty.

- [Instituto de Estudos Empresariais](#) will host its 28th annual [Freedom Forum](#) from April 13–14 in Porto Alegre, Brazil. Atlas Network President Dr. Alex Chafuen will be a guest speaker.
- [Instituto Liberal](#) planted the seeds of freedom in the 1980s when it began translating classical liberal texts into Portuguese.
- [Instituto Millenium](#) has been actively influencing the intellectual climate by promoting freedom through seminars, lectures and meetings across Brazil. It also hosts a podcast that takes aim at Brazil's problems.
- [Instituto Ordem Livre](#) offers summer and winter seminars for students looking to learn about and promote liberty.
- [Instituto Ludwig von Mises Brasil](#) has been an indispensable resource by offering robust and timely analyses of Brazilian economics and politics.

[Learn more about Atlas Leadership Academy.](#)

Fonte: Atlas Network, 2015.

Figura 5- Texto comentando o apoio da Atlas Network ao Students for Liberty Brasil

The power of local innovators

Atlas Network has supported SFL Brasil since its very beginning through grant funding, training, and more. In only six years, Students For Liberty Brasil has grown to become an inspiring organization that has already achieved a tremendous impact and is set to go even further. They have educated thousands of policymakers, students, and the public about the value of liberty through dozens of events across Brazil and even inspired a cross-party group of legislators to pledge to create a more welcoming environment for entrepreneurs. Now, they're working with the U.S.-based branch of Students For Liberty to produce an in-depth film project and an accompanying book to highlight the challenges people face in the favelas and show how property rights could help alleviate many of those challenges. Once the full recognition of property rights is achieved, the people of Brazil will have one less barrier to human flourishing.

Fonte: Atlas Network, 2015.

O apoio da Atlas ao Students for Liberty Brasil ocorre desde o início da organização, através de repasses financeiros e treinamentos. O impacto nas políticas públicas, inspirando a criação de um ambiente mais favorável aos empreendedores, também é citado como um mérito do engajamento político do instituto. O gaúcho Fábio Ostermann, o mineiro Juliano Torres e o gaúcho Anthony Ling são fundadores do EPL, que viria a tornar-se o “Students for Liberty Brasil”. A organização ficou conhecida como organização-chave na articulação entre os think tanks conservadores e libertários americanos e a juventude “antipopulista” da América Latina.

Fábio Ostermann foi também assessor do deputado federal Marcel van Hattem que, até junho de 2021, apresentou alinhamento de 86% com o governo Bolsonaro nas votações da Câmara. Hattem foi apontado por Kim Kataguirí como o único político que “[...] abraça totalmente as convicções do MBL”. Marcel Van Hattem recebeu doações tanto da Gerdau quanto do grupo Évora (pertencente ao pai de Anthony Ling) e também participou de cursos na Acton Institute University, “a mais religiosa das fundações libertaristas que compõem a rede de fellowship da Atlas e da Koch Foundation”(AMARAL, 2015). Anteriormente vinculado ao Partido Progressista(sigla através da qual se elegeu), Van Hattem filiou-se ao partido NOVO em 2018. Posteriormente, Fábio Ostermann se retira do MBL e se vincula ao LIVRES, logrando criar uma carreira política própria ao se eleger como deputado estadual do Rio Grande do Sul também através do Partido NOVO.

É interessante pontuar que, após a entrevista dada à Agência Pública evidenciar uma conexão entre o EPL e o MBL, o Movimento Brasil Livre procurou a reportagem da Gazeta do Povo, no ano de 2017, para se pronunciar a respeito do tema. Segundo o comunicado, a única relação entre os dois grupos teria sido o uso de uma antiga página do Facebook criada pelo EPL, que estava abandonada, para divulgar manifestações contra o governo Dilma. “Acaba aí a relação do MBL com o EPL. O EPL jamais participou da organização de qualquer ação do MBL”, diz o comunicado (MÜLLER, 2017). A versão, no entanto, se contradiz com o que foi anteriormente afirmado pelo antigo diretor executivo do EPL, Juliano Torres.

Kim Kataguirí, no Fórum da Liberdade em 2015, afirmou: “A vanguarda, hoje, não é esquerdista, é liberal. O jovem bem informado vai para as ruas e pede menos Marx, mais Mises. Curte Hayek, não Lênin. Levanta cartazes hashtag “Olavo tem razão” (AMARAL, 2015). Nota-se, em sua fala, o caráter conciliatório do movimento que surge no Brasil, unindo o pensamento liberal (“Mais Mises”) e conservador (“Olavo tem razão”- em referência ao ideólogo conservador Olavo de Carvalho).

Outro ponto importante de destaque foi a presença de Alejandro Chafuen (presidente da Atlas Network entre 1991 e 2017) no Fórum da Liberdade e também nos protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff, em 12 de abril de 2015, na cidade de Porto Alegre. Em seu Facebook pessoal, Chafuen publicou uma foto em vestido com a camisa da CBF abraçado a Fábio Ostermann, coordenador do Movimento Brasil Livre à época (AMARAL, 2015).

Figura 6- Alejandro Chafuen(presidente da Atlas Network até 2017) e Fábio Ostermann(EPL e MBL) em protesto a favor do impeachment em 2015



Fonte: AMARAL, 2015.

A relevância dos institutos liberais brasileiros nos últimos anos também pode ser comprovada através da vitória destes no Prêmio Regional Liberty Awards, nos anos de 2022 (LIVRES) e 2023 (ILISP), demonstrando o impacto dessas instituições na política nacional. O Latin America Liberty Award é um prêmio anual que reconhece organizações sem fins lucrativos que trabalham para promover a liberdade econômica, a propriedade privada, o Estado de Direito e as liberdades individuais (ATLAS,2023). O vencedor recebe um prêmio em dinheiro de US \$7.000 e um troféu em reconhecimento ao seu trabalho. Conforme o site da Atlas Network (2022), a vitória do Livres foi concedida após os esforços para reformar as regulações de maneira a permitir o investimento privado no serviço de água e esgoto, resultando no prêmio de 10 mil dólares doados pela Templeton Religion Trust ao LIVRES. O marco regulatório sobre o assunto permitiu a remoção de obstáculos ao investimento privado e a competição destes com empresas públicas, promovendo um “boom de liberdade social e econômica no país” (ATLAS, 2022).

Figura 7- LIVRES vence o “Latin America Liberty Award” concedido pela Atlas



Fonte: Atlas Network, 2022.

Figura 8- Marcelo Faria aceitando “Latin America Award” concedido pela Atlas Network em 2023 para o ILISP



Marcelo Faria accepts the 2023 Latin America Liberty Award from Debbi Gibbs (left, chair of the board, Atlas Network) and Roberto Salinas-León (right, director, Atlas Network's Center for Latin America) at the 2023 Latin America Liberty Forum in Punta del Este.

Fonte: Atlas Network, 2023d.

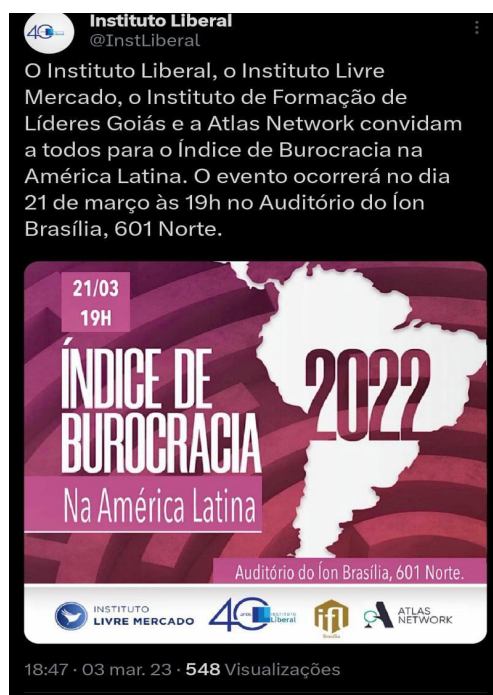
Assim como o Livres, o Instituto Liberal de São Paulo também recebeu reconhecimento da Atlas por conta de sua atuação. Em artigos publicados na Revista Forbes, de autoria de Chafuen, são elencadas as principais instituições que defendem o livre mercado no Brasil e no mundo, reconhecendo o ILISP – Instituto Liberal de São Paulo como um dos maiores think

tanks do mundo em alcance nas redes sociais. O trabalho do ILISP em ampliar a adoção da Lei de Liberdade Econômica do Brasil foi considerado o melhor projeto liberal da América Latina (ATLAS, 2023d).

A Lei de Liberdade Econômica (LLE) foi aprovada em setembro de 2019 no Brasil para simplificar e desburocratizar o ambiente de negócios no país, facilitando a abertura e o funcionamento de empresas. Entre as medidas implantadas pela LLE destaca-se a dispensa de alvarás para atividades de baixo risco. No entanto, a LLE só é realmente efetiva quando aprovada nos estados e municípios, e foi para avançar a adoção dessa lei nos estados e municípios que o ILISP criou o projeto “Liberdade para Trabalhar”. O projeto já foi responsável por avançar a lei em 53 municípios e 1 estado (Rio Grande do Sul), atingindo 13,8 milhões de brasileiros.

O reconhecimento recebido pelo Instituto Liberal de São Paulo (ILISP) reforçaria “a importância da defesa da liberdade econômica e da redução da burocracia para o desenvolvimento do Brasil”. O trabalho do ILISP em promover a Lei de Liberdade Econômica e destacar as disparidades na sua implantação é apontado como um exemplo de como as organizações podem “contribuir para uma sociedade mais livre e próspera” (ATLAS, 2023d).

Figura 9- Evento da Atlas Network em março de 2023 em parceria com o IL-RJ e outros institutos



Fonte: Instituto Liberal, 2023.

Em matéria na revista Forbes no ano de 2017, escrita pelo diretor do Acton Institute e ex-presidente da Atlas Network (1991-2017), Alejandro Chafuen, há um comentário a respeito da situação política da América Latina, relatando a ascensão do populismo de esquerda na região nos últimos anos, deixando claro que o Brasil poderia vir a ser “o próximo alvo”. No entanto, apesar da ameaça populista que supostamente seria um problema, Chafuen ressalta um lado positivo: o crescimento nas redes sociais dos think tanks que defendem as ideias de liberdade no Brasil. O ILISP é listado como o maior think tank do país em número de seguidores no Twitter e, também, o terceiro maior em número de seguidores no Facebook (CHAFUEN, 2019).

3.3.1 Os institutos e sua atuação nas mídias sociais

Em consonância com o alcance midiático dos institutos em jornais e veículos de comunicação tradicionais, é possível observar a relevância dessas instituições também no âmbito virtual. Alguns dados apresentados na matéria de Alejandro Chafuen para a Forbes demonstram a importância dos parceiros da Atlas nas mídias digitais.

Quadro 2- Número de seguidores(em milhares) de alguns think tanks liberais ao redor do globo entre 2021 e 2022

	Twitter Followers		Facebook Likes		YouTube Subscribers		YouTube TopVideo		LinkedIn		Instagram Followers	
	2022	2021	2022	2021	2022	2021	2022	2021	2022	2021	2022	2021
US-Based												
Heritage Foundation	629	628	1,908	2,068	226	203	384	520	44	32	140	123
Mises USA	150	129	225	228	139	129	66	855	7	5	37	32
Cato Institute	364	364	351	357	80	67	3	226	38	30	39	36
Acton Institute	23	22	754	769	17	15	191	10	4	3	5	4
American Enterprise Institute (AEI)	155	145	313	312	206	195	9	15	31	26	18	17
Foundation for Economic Education (FEE)	62	51	190	182	272	241	323	454	11	6	41	30
Foreign												
Mises Brazil	45	44	267	281	75	70	12	84	8	7	133	101
Fundacion Para el Progreso (Chile)	45	41	277	275	203	140	431	234	2	1	50	37
Adam Smith Institute (UK)	56	56	52	53	7	7	3	1	4	3	2	2
Fraser Institute (Canada)	32	31	36	32	n/a	n/a	23	10	13	11	3	2
CIDAC/Mexico Evalua (Mexico)	116	107	79	80	4	2	2	4	5	2	3	2
Istituto Bruno Leoni (Italy)	31	30	22	22	4	3	1	10	3	2	5	4
CEP (Chile)	76	75	25	23	16	11	109	4	5	3	16	13
Fundacion Libertad y Progreso (Argentina)	20	18	36	35	126	114	168	481	1	1	26	25
CEDICE (Venezuela)	117	116	12	12	6	5	2	7	1	0	12	11
Libertad y Desarrollo (Chile)	51	49	11	11	2	2	4	3	2	1	9	7
ILISP.org (Brazil)	58	61	251	258	5	5		0			21	22
Instituto Millenium (Brazil)	35	35	404	406	54	54	6	11	27	26	45	48

Fonte: CHAFUEN, 2022.

Dentre os destaques no número de seguidores, figuram o Instituto Millenium, o Instituto Liberal de São Paulo e o Instituto Mises Brasil. Também em reportagem para o Forbes, Chafuen traz dados sobre seis think tanks liberais brasileiros e sua quantidade de seguidores nas redes sociais em junho de 2022.

Quadro 3- Think tanks brasileiros que atuam para promover liberdade econômica

Six Brazilian Think Tanks That Promote a Free Economy

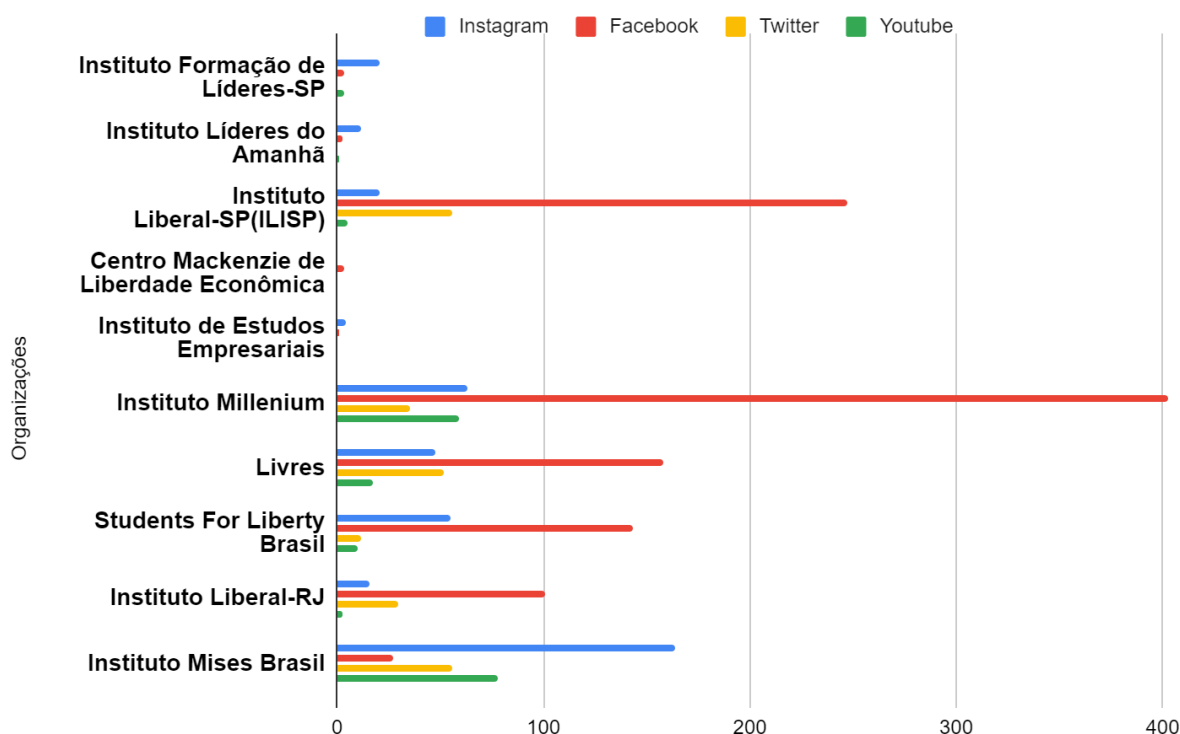
Twitter and Instagram followers, Facebook likes, June 2022. Profile: author's opinion

Think Tanks	Profile	Location	Twitter	Facebook	Instagram	Website
Instituto Millenium	Big Tent Conservative/Libertarian	Rio de Janeiro	35,388	403,123	46,735	www.institutomillennium.org.br
Instituto Mises Brasil	Austrian Economics, Libertarian	São Paulo	45,290	272,411	138,445	mises.org.br
ILISP (Instituto Liberal de São Paulo)	Classic Liberalism	São Paulo	57,424	250,613	20,884	ilisp.org
Instituto Liberal Rio de Janeiro	Austrian Economics and beyond	Rio de Janeiro	29,050	101,536	12,165	www.institutoliberal.org.br
Instituto Rothbard	Austrian Economics and Anarcho-capitalism	São Paulo	35,862	19,349	19,080	rothbardbrasil.com
Centro Mackenzie de Liberdade Económica (University based)	Economic analysis and studies	São Paulo	260	3,222	2,639	mackenzie.br/en/mackenzie-center-for-economic-freedom

Fonte: CHAFUEN, 2022.

Gráfico 1- Número de seguidores de think tanks parceiros da Atlas no Brasil em maio de 2023

Número de seguidores(em milhares) nas redes sociais em maio de 2023



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados das redes sociais.

Na mesma matéria da Forbes, Alejandro Chafuen destaca alguns influenciadores e veículos de mídia brasileiros que também seriam “pró-liberdade”.

Quadro 4 - Organizações e influenciadores favoráveis à liberdade econômica

Brazilian Organizations Favorable To A Free Economy (and two influential public intellectuals)

	Profile	Location	Twitter	Facebook	Instagram	Website
Media						
Brasil Paralelo	Conservative	Porto Alegre	402,337	632,279	1,390,653	brasilparalelo.com.br
Gazeta do Povo	Conservative/Free-Market	Curitiba	573,563	1,487,847	432,891	gazetadopovo.com.br
Revista Oeste	Open to pro free economy authors	São Paulo	459,400	50,337	202,000	https://revistaouest.com/
Influencers						
Rodrigo Constantino	Libertarian/Conservative	Florida, USA	1,158,160	477,787	1,093,734	rodrigoconstantino.com
Bruno Garschagen	Classical Liberal/Conservative	São Paulo	126,800	43,672	197,000	n/a
Other organizations						
Instituto de Estudos Empresariais	Pro freedom leadership in the business world	Porto Alegre	n/a	79	2,359	https://www.iee.com.br/
Instituto Brasileiro de Direito e Religião	Legal education, advocacy and defense of religious liberty	Porto Alegre and São Paulo	n/a	3,233	7,951	ibdr.org.br
Instituto Hugo de São Vitor	Liberal arts courses online	Porto Alegre	n/a	15,205	36,844	https://www.hugodesaovitor.org.br/
Burke Instituto	Online courses on conservatism	San José dos Campos	1,817	35,759	44,503	https://www.burkeinstituto.com/
Instituto de Formação de Líderes	Pro freedom leadership in the business world	In most Brazilian states	n/a	65	2,896	https://iflbrasil.com.br/
Instituto Líderes do Amanhã	Leadership building	Espírito Santo	n/a	2,579	9,078	n/a
Students for Liberty	Libertarian formation and advocacy among students	In most Brazilian states	11,087	151,959	49,344	studentsforliberty.org/brazil/ or www.sflb.org.br
Hayek Global College	New higher education effort	Brasília	688	339	1,494	hayekcollege.com

Quadro 5- Número de seguidores em maio de 2023 dos veículos de mídia citados por Alejandro Chafuen

Veículos de Mídia	Instagram	Twitter	Facebook	Youtube
Brasil Paralelo	2,5 milhões	791 mil	1 milhão	3,4 milhões
Gazeta do Povo	735 mil	717 mil	1,7 milhões	1,07 milhões
Revista Oeste	860 mil	1, 11 milhões	161 mil	1,37 milhões

Fonte: Elaboração própria com base nas redes sociais.

Atualmente, a produtora “Brasil Paralelo” possui planos de assinatura de um streaming próprio, que dá acesso a filmes, séries e documentários originais feitos pela produtora. Nota-se que esses veículos de mídia possuem uma tendência muito mais alinhada ao conservadorismo do que aos princípios liberais, mesmo assim, Chafuen os classifica como “promotores da liberdade”.

Quadro 6- Número de seguidores de influenciadores relevantes da nova direita e do liberalismo

Influenciadores	Instagram	Facebook	Twitter	Youtube
Bruno Garschagen	327 mil	45 mil	123 mil	51,2 mil
Marcel Van Hattem	1 milhão	866 mil	804 mil	261 mil
Kim Kataguirí	1 milhão	1,5 milhões	692 mil	1,25 milhões
Fábio Ostermann	30,4 mil	96 mil	56 mil	21,2 mil

Fonte: Elaboração própria.

Rodrigo Constantino, que aparece na reportagem como influenciador importante e foi presidente do IL-RJ e membro-fundador do IMIL, teve suas contas em redes sociais retidas por ordem judicial emitida pelo Superior Tribunal Federal em janeiro de 2023, devido a postagens favoráveis às manifestações que contestavam os resultados das urnas eletrônicas nas eleições de 2022. Marcel Van Hattem foi o deputado federal mais votado do RS no ano de 2018 (PP-RS) e foi reeleito em 2022 através do partido Novo. Fábio Ostermann (NOVO-RS) foi eleito deputado estadual em 2018 e Bruno Garschagen é um cientista político, de viés conservador.

Figura 10- Rodrigo Constantino(ex-presidente do Instituto Liberal-RJ e membro-fundador do Instituto Millenium) no Fórum da Liberdade em 2015.



Fonte: AMARAL, 2015.

4 AS REPERCUSSÕES NO CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL

No capítulo final desta monografia, o foco recairá na apresentação de estatísticas, dados e evidências que demonstram o impacto do trabalho dessas instituições na política brasileira. Serão abordadas algumas mudanças nas políticas públicas inclinadas ao liberalismo econômico, os membros das instituições que obtiveram cargos públicos ou participaram da elaboração de projetos durante o governo de Jair Bolsonaro, bem como a perspectiva dos think tanks a respeito desse governo. O uso de tabelas, gráficos e imagens será aplicado para facilitar a apreensão de alguns tópicos.

4.1 O FLORESCIMENTO DO DISCURSO ULTRALIBERAL

Kim Kataguirí conclamou “os institutos liberais a sair da nossa bolha liberal, da nossa bolha libertária, da nossa bolha conservadora e tomar o país.” E afirmou: “Chegou a hora da gente tirar o monopólio da esquerda da juventude. A gente tem que acabar com essa imagem de que quem defende o livre mercado é aquele tiozão de coturno que defende o regime militar. A oposição é a gente. A gente quer privatizar a Petrobras. A gente quer o Estado mínimo. Brasília não vai pautar o povo. É o povo que vai pautar Brasília”.

As repercussões da Operação Lava-Jato, a crise econômica e política e o crescimento do anti-petismo foram fatores que, combinados, resultaram na maior aderência da população a discursos a favor da redução do Estado (devido aos casos de corrupção), da eficiência do setor privado e do empreendedorismo e a primazia da meritocracia como forma de organização social. O papel do Movimento Brasil Livre durante as jornadas de junho, o impeachment e a ascensão de Jair Bolsonaro como um líder popular foi decisivo, bem como outras de várias outras instituições de viés liberal. Podem ser citadas como algumas inovações desses movimentos na obtenção de engajamento político da população o uso de “memes”, de linguagem informal e de postagens com teor humorístico através das redes sociais para direcionar o discurso em torno da ridicularização da oposição. Plataformas como “Facebook”, “Twitter” e Instagram foram também utilizadas como meios para organizar os protestos e mobilizações.

É possível apontar grupos como “Vem pra Rua”, “Movimento Brasil Livre” e “Revoltados Online” como grandes líderes dos protestos anti-governistas. Esses grupos assumiram um vácuo deixado pelos movimentos e partidos de esquerda durante e após as manifestações de 2013 (YAMAMOTO; MOURA, 2018). O perfil dos líderes desses movimentos possui convergências: jovens de classe média e alta e com alta instrução acadêmica. Conforme a

perspectiva de Scartezini (2016), se conectam ao perfil de manifestante presente nos protestos a favor do impeachment de Dilma Rousseff em 2015: homem, jovem, branco, classe média, ‘apartidário’ ou ‘suprapartidário’ e com um grau de politização bastante questionável (SCARTEZINI, 2016, p. 190)

Após as jornadas de junho de 2013, evento que projetou nacionalmente o MBL como ator político relevante, observa-se a posição de reiterado prestígio associado aos seus líderes, exemplificado na reportagem da revista “Time”, em 2015, que elegeu Kim Kataguirí como um dos jovens mais influentes do mundo. Na reportagem, a revista reforça a importância do egresso da Atlas Leadership Academy em conduzir 200 mil pessoas nas ruas de São Paulo a favor do impeachment, fato consagrado após campanha massiva antipetista realizada pelo MBL.

Ao analisar o teor de algumas postagens, Yamamoto e Moura (2018) exemplificam o método de comunicação empregado nas redes sociais do MBL: a associação de palavras de conotação negativa aos petistas, e a criação de dois eixos no imaginário popular- Venezuela e Estados Unidos. Ao descrever a Venezuela, que à época de fato enfrentava grave crise econômica, como um país ditatorial, subdesenvolvido e violento, associava-se esse país ao “destino final” para o Brasil caso o PT continuasse no poder. O uso dos termos “Cuba, socialismo, comunismo, esquerda” também foram empregados com associação à miséria, ausência de liberdade de expressão e econômica. Ao relacionar esses termos com Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula, com críticas incisivas aos investimentos providos pelo BNDES para obras de infraestrutura de empreiteiras brasileiras em Cuba e na Venezuela, os enunciadores desses discursos almejavam desassociar a imagem do partido ao período de taxas econômicas positivas e conectá-las à perspectiva de pobreza iminente, da conexão com países “miseráveis” que sofriam por conta do socialismo. Um exemplo desse tipo de discurso é perceptível no vídeo “16 de dezembro”, publicado em 9 de dezembro de 2014, em que um dos enunciadores dizem “Nós não merecemos ser parceiros subservientes de Cuba e nem de Venezuela. Nós não nascemos para isso” (YAMAMOTO; MOURA, 2018).

Por outro lado, no sentido oposto do eixo da Venezuela, têm-se os EUA. Conforme Yamamoto e Moura (2018): “Na estrutura de sentido aqui analisada, os EUA funcionam não somente como eixo orientador do sentido para a totalidade das falas do MBL constituídas a partir da disposição negativa da Venezuela/Cuba, mas como modelo estruturante de sociedade” (YAMAMOTO; MOURA, 2018, p.162-163). O vídeo do dia 7 de outubro de 2015, intitulado “Renan Santos sobre as instituições de nossa república”, é explícito nesse sentido: “A derrota desse sistema, a derrota desse partido (PT), através justamente das

instituições, é o que vai nos fortalecer, é o que nos fará um dia, se trabalharmos dessa maneira decente, nos tornar uma república e uma democracia séria, tal qual os Estados Unidos da América”. Os EUA funcionam, portanto, como modelo almejado ao Brasil: “uma república e uma democracia séria”) de cidadãos “decentes”.

Através de discursos que simplificam realidades complexas, piadas de fácil propagação e postura ativa e constante nas redes, o movimento liberal, em estreita relação com apoio financeiro e logístico da Atlas, foi uma parte fundamental para a organização e mobilização dos protestos em prol do impeachment da presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016. Nas palavras de Chafuen, presidente da Atlas na época: “[...] surgiu uma abertura – uma crise – e uma demanda por mudanças, e nós tínhamos pessoas treinadas para pressionar por certas políticas” (CHAFUEN apud FANG, 2017). Conforme descrição no site da instituição:

“Vários parceiros independentes da Atlas Network no Brasil estão fazendo o trabalho pesado de reformar o clima intelectual e o debate sobre políticas. Juntos, eles estão espalhando as ideias da liberdade de maneiras novas e inovadoras, propondo soluções práticas e politicamente possíveis para as crises atuais” (ATLAS, 2023).

A construção gradual que permitiu uma reforma do clima intelectual contou com apoio de figuras notórias, que auxiliaram na criação e manutenção dessas instituições que, em sua grande maioria, surgiram durante os governos do Partido dos Trabalhadores. Em matéria à revista Forbes, Alejandro Chafuen cita empresários que trabalharam com afinho para espalhar a palavra da liberdade, sendo possível notar a menção aos criadores do IL-RJ, do Instituto Millenium, Instituto Mises Brasil, do Instituto de Estudos Empresariais e do IL-RS (CHAFUEN, 2019).

Figura 11- Empresários defensores da liberdade econômica de acordo com Alejandro Chafuen: Donald Stewart, Henry Maksoud, Paulo Guedes e Winston Ling, Hélio Beltrão, Salim Mattar



Fonte: CHAFUEN, 2022.

A presença desses institutos na mídia tradicional, nos artigos de opinião nos jornais, combinadas com a posterior utilização das redes sociais para propagar os ideais defendidos criou um ambiente mais favorável para pautar as discussões políticas e econômicas com base no viés liberal, fortalecendo o movimento e obtendo conquistas concretas como o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, a formalização do Partido Novo, a eleição de parlamentares liberais e a Frente pela Liberdade de Mercado na Câmara, além da conexão com o novo líder político que surgia a partir do anti-petismo, Jair Bolsonaro.

4.2 GOVERNOS MICHEL TEMER E JAIR BOLSONARO: A EFETIVAÇÃO DA NARRATIVA LIBERAL

“Não há alternativa”
(Margaret Thatcher)

Em decorrência do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, seu vice, Michel Temer, assumiu o executivo entre os anos de 2016 e 2018. Já nesse período, algumas reformas começam a ser implementadas a favor da liberalização econômica, em benefício ao empresariado brasileiro e ao capital estrangeiro. A preservação dessas reformas tornam-se, portanto, prioridade para o movimento liberal, mesmo que signifique firmar uma aliança com um político que não fazia parte desse contexto.

Ao longo de sua trajetória política no Congresso Nacional como deputado, Jair Bolsonaro demonstrava um alinhamento com perspectivas nacionalistas a respeito da economia, em conformidade com as pautas defendidas por movimentos de direita anteriormente citados, como a AIB. A “viralização” de seus conteúdos nas mídias sociais, através de páginas de humor ou sátira forneceram, as bases para um movimento popular que se configuraria na manifestação da nova direita no Brasil. O “Bolsonarismo” e sua veemente oposição à esquerda, bem como sua exaltação de um passado idílico em que o regime ditatorial teria sido exemplo de país, fincou as bases atraindo a população baseada principalmente no antipetismo e nas críticas de Bolsonaro aos governos do partido.

A base orgânica de oposição ao PT gestada por Bolsonaro obteve maior aderência do que o candidato do movimento liberal (João Amoedo do Partido Novo), e se diferenciava dessa vertente devido ao conservadorismo de suas propostas, especialmente no campo moral. As expectativas frustradas do movimento liberal em construir uma candidatura suficientemente forte para a presidência encontram, na conexão entre Jair Bolsonaro e Paulo Guedes, um caminho para o avanço dessas propostas.

Foi Winston Ling, empresário com ampla participação em institutos liberais e cuja família também integra o movimento, que apresentou Paulo Guedes a Jair Bolsonaro, fazendo uma ponte entre os interesses dos liberais e o candidato com maiores chances de obter a vitória no pleito eleitoral, o que viria a se confirmar em outubro de 2018. A inserção de pautas liberais no plano de governo de Jair Bolsonaro, o “Projeto Fênix”, para as eleições de 2018, demonstram a importância desse discurso para atrair eleitores e consolidar as bases do que direcionaria a política econômica: redução da máquina burocrática estatal, superávit primário e cortes dos gastos públicos.

Figura 12- Pautas liberais no Plano de Governo de Jair Bolsonaro em 2018

BRASIL ACIMA DE TUDO
DEUS ACIMA DE TODOS

LIBERALISMO ECONÔMICO

As economias de mercado são historicamente o maior instrumento de geração de renda, emprego, prosperidade e inclusão social. Graças ao Liberalismo, bilhões de pessoas estão sendo salvas da miséria em todo o mundo.

Mesmo assim, o Brasil NUNCA adotou em sua História Republicana os princípios liberais. Ideias obscuras, como o dirigismo, resultaram em inflação, recessão, desemprego e corrupção.

O Liberalismo reduz a inflação, baixa os juros, eleva a confiança e os investimentos, gera crescimento, emprego e oportunidades.

Corruptos e populistas nos legaram um déficit primário elevado, uma situação fiscal explosiva, com baixo crescimento e elevado desemprego. Precisamos atingir um superávit primário já em 2020.

Nossa estratégia será adotar as mesmas ações que funcionam nos países com crescimento, emprego, baixa inflação, renda para os trabalhadores e oportunidades para todos.

Fonte: TSE.

A narrativa factualmente incorreta a respeito da não-adoção dos princípios liberais na história política brasileira, observáveis principalmente durante os governos de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso, combina-se com a citação indireta de uma das obras clássicas do liberalismo, escrita por Friedrich Hayek: “O caminho da servidão”. A tentativa de se posicionar como anti-establishment, implementada por Bolsonaro ao longo de toda sua campanha, também se apresenta na questão econômica. Ao estabelecer pioneirismo na implementação de pressupostos liberais e fazer menção à obra do economista austríaco, o plano de governo de Bolsonaro aponta, em conformidade com o movimento da nova direita global, na direção do ultraliberalismo.

Figura 13- Plano de Governo de Jair Bolsonaro faz menção indireta à obra de Hayek

BRASIL ACIMA DE TUDO
DEUS ACIMA DE TODOS

IMPrensa LIVRE E INDEPENDENTE

- Somos defensores da Liberdade de opinião, informação, imprensa, internet, política e religiosa!
- Liberdade das pessoas e de suas famílias em poder escolher os rumos da vida na contínua busca da felicidade!
- Somos contra qualquer regulação ou controle social da mídia.
- A Liberdade é o caminho da prosperidade. Não permitiremos que o Brasil prossiga no caminho da servidão.
- Nosso povo deve ser livre para pensar, se informar, opinar, escrever e escolher seu futuro.

Fonte: TSE.

Figura 14- Winston Ling, que atuou no conselho consultivo do Students For Liberty e participou da fundação do IL-RJ, IEE e do IL-RS; entrega obras liberais na mão de Jair Bolsonaro em 2019. O empresário também foi responsável por apresentar Paulo Guedes ao candidato à presidência.



Fonte: CHAFUEN, 2019.

O compromisso que Jair Bolsonaro assumiu, ao receber o apoio do movimento liberal e ter Paulo Guedes como seu vínculo a esses ideais, foi o de dar continuidade às reformas já estabelecidas durante o governo interino de Michel Temer e de ampliar ao máximo o escopo dessas, apesar da bancada opositora na Câmara e Senado. A efetivação desses interesses é destacada em texto publicado no site do Instituto Mises Brasil, fundado por Hélio Beltrão, que aponta virtudes e motivos para comemorar os avanços do governo Bolsonaro, apesar de ainda ter ficado aquém ao esperado pelos membros do instituto. Publicado em fevereiro de 2022, ano de disputa eleitoral, lê-se: “Sendo ele reeleito ou não, que não parem com as reformas. Afinal, o Brasil é um país que, desde sua fundação, nunca experimentou algum período de liberalismo econômico. Os súditos merecem ser bem tratados” (LANGE, 2022).

No quadro abaixo, as principais medidas aplicadas pelo governo de Jair Bolsonaro em conformidade com as demandas do movimento liberal podem ser observadas:

Quadro 7- Medidas Liberalizantes do Governo Bolsonaro(2018-2022)

1. Equilíbrio Fiscal- superávit primário de cerca de R\$ 90 bilhões ou perto de 1% do PIB– o primeiro resultado positivo desde 2013.	11. Aumento do lucro e diminuição das dívidas das estatais- De acordo com números oficiais, as estatais saíram de um prejuízo de R\$ 32 bilhões em 2015, no governo Dilma, para um lucro de R\$ 187,7 bilhões em 2021. Resultado: os dividendos distribuídos pelas estatais passaram de R\$ 14,5 bilhões em 2015, dos quais R\$ 12 bilhões rechearam os cofres do Tesouro, para R\$ 101 bilhões em 2021, dos quais R\$ 43 bilhões couberam à União.
2. Reforma da Previdência- Economia de cerca de R\$ 900 bilhões em dez anos para o Tesouro	12. Elevação dos investimentos privados-o novo ciclo de desenvolvimento será alavancado pelo setor privado, financiado principalmente pelo mercado de capitais e não mais pelo governo. Segundo estimativa oficial, os investimentos já contratados pelas empresas privadas que assumiram ativos controlados pelo Estado deverão atingir R\$ 1,2 trilhão nos próximos dez anos.

3. Autonomia do Banco Central-Blindou a política monetária contra interferências políticas, permitindo a administração dos juros e do câmbio com base em critérios técnicos. Mandato fixo do presidente de 4 anos, não coincidentes com o do presidente da República.	13. Redução da ‘máquina’-De acordo com o Painel Estatístico de Pessoal (PEP), o total de servidores civis da ativa caiu 10% nos últimos quatro anos, de 630,7 mil para 568,4 mil, graças principalmente à não substituição de aposentados e ao avanço da digitalização de serviços públicos. Somando isso ao congelamento dos salários do funcionalismo durante a pandemia, as despesas com pessoal da ativa caíram para 3,4% do PIB, o menor nível em 25 anos.
4.Privatização da Eletrobras- Vendas de ativos de estatais e concessões. Os negócios renderam um total R\$ 401 bilhões (US\$ 75,4 bilhões) desde 2019. O processo já havia sido iniciado pelo governo Temer, que rendeu US\$ 13 bilhões.	14. Melhoria do ambiente de negócios-O tempo médio de abertura de empresas, por exemplo, diminuiu para um dia e 16 horas, segundo o Ministério da Economia. Além disso, o avanço da digitalização dos serviços públicos também facilitou a vida dos empreendedores.
5. Novos marcos regulatórios- Mais transparência e segurança jurídica para a realização de investimentos privados	15. Marco legal das startups- A legislação aprovada pelo Congresso estimula a criação e o desenvolvimento de empresas inovadoras, ao ampliar a segurança jurídica dos investidores. Facilita também a contratação de novas soluções tecnológicas pelo Estado.
6. Adesão à OCDE- Brasil deverá se alinhar aos padrões exigidos pela entidade em questões financeiras, comerciais, sociais e ambientais, conforme o receituário da economia de mercado.A conformidade com as normas internacionais deverá contribuir para a redução do chamado “custo Brasil” e favorecer a atração de investimentos	16. Nova Lei de Falências- Proposta pelo governo Temer, o texto da nova lei projeto foi aperfeiçoado pela atual equipe econômica. Com a nova legislação, o dono de uma empresa que estiver em recuperação judicial poderá obter financiamento dando até seus bens pessoais em garantia. Poderá também parcelar o pagamento de dívidas tributárias federais em até 120 vezes.

estrangeiros.	
7. Lei da Liberdade Econômica-O dispositivo dispensou as atividades de baixo risco de qualquer tipo de licença, autorização e alvará.	17. Novo marco cambial- A nova lei modernizou as normas do mercado de câmbio. Agora, as instituições financeiras podem investir no exterior recursos captados no Brasil ou lá fora. O limite de R\$ 10 mil para levar em dinheiro vivo ao entrar ou sair do País passou para US\$ 10 mil. As negociações entre pessoas físicas de valores até US\$ 500 foram liberadas.
8. ‘Despedalada’ do BNDES e fortalecimento do mercado de capitais- o BNDES praticamente quitou suas pendências com o órgão e passou por um processo de “desalavancagem”, que foi iniciado na gestão de Temer e aprofundado nos últimos anos. Ao mesmo tempo, o mercado de capitais deu um salto. A fatia dos bancos privados no crédito também aumentou significativamente, de 44% em 2015 para 58% em 2022.	18. Nova Lei dos cartórios- O dispositivo prevê a digitalização e a unificação dos sistemas de registros públicos até 31 de janeiro de 2023 e deve contribuir para melhorar o ambiente de negócios.
9. Redução de tarifas do Mercosul-Por iniciativa do Brasil, o Mercosul promoveu um corte de 10% nas alíquotas de importação, resguardando as exceções já previstas.	19. Nova lei das licitações-A aprovação do novo modelo de compra e contratação de bens e serviços pelo poder público deverá tornar o processo mais rápido, transparente e eficiente. O texto prevê novas modalidades de licitação e a realização de um seguro-garantia que cubra no mínimo 30% do custo de obras de grande porte, o que deverá contribuir para a redução de prejuízos com projetos inacabados. As licitações agora serão feitas preferencialmente online, permitindo uma redução de custo para os participantes e para o

	governo.
10. Corte do IPI e de tributos federais sobre combustíveis -O governo promoveu uma redução de 35% no Imposto sobre Produtos Industrializados para cerca de quatro mil produtos, beneficiando cerca de 500 mil empresas.	20. Open banking, fintechs e Pix -Iniciadas no governo Temer, as mudanças regulatórias no sistema financeiro foram impulsionadas pela atual gestão, para ampliar a concorrência e favorecer a queda dos juros cobrados pelos bancos. As mudanças facilitaram o surgimento de startups no mercado com operações totalmente digitais, sem cobrança de tarifas e com atendimento ágil à clientela. Também foi facilitada a transferência pelos clientes de cadastros e operações de crédito entre instituições. A mudança de maior impacto, no entanto, foi a criação do Pix.

Fonte: Estadão, 2022.

Tais medidas foram acompanhadas, por outro lado, pelo conservadorismo enraizado ao movimento bolsonarista, com a exaltação das Forças Armadas, o combate ao “marxismo cultural” e ao também ao “Foro de São Paulo”. As pautas de liberdade econômica foram prioritárias na aliança com o bolsonarismo, enquanto que a defesa das liberdades individuais e a oposição às pautas moralistas e anti-LGBTQ+ ficaram em segundo plano, perceptível pela gestão da Ministra Damare Alves e seu combate à “ideologia de gênero”.

Figura 15: Plano de governo de Jair Bolsonaro em 2018 faz referência ao “marxismo cultural”

BRASIL ACIMA DE TUDO
DEUS ACIMA DE TODOS

A NOSSA BANDEIRA É VERDE-AMARELA

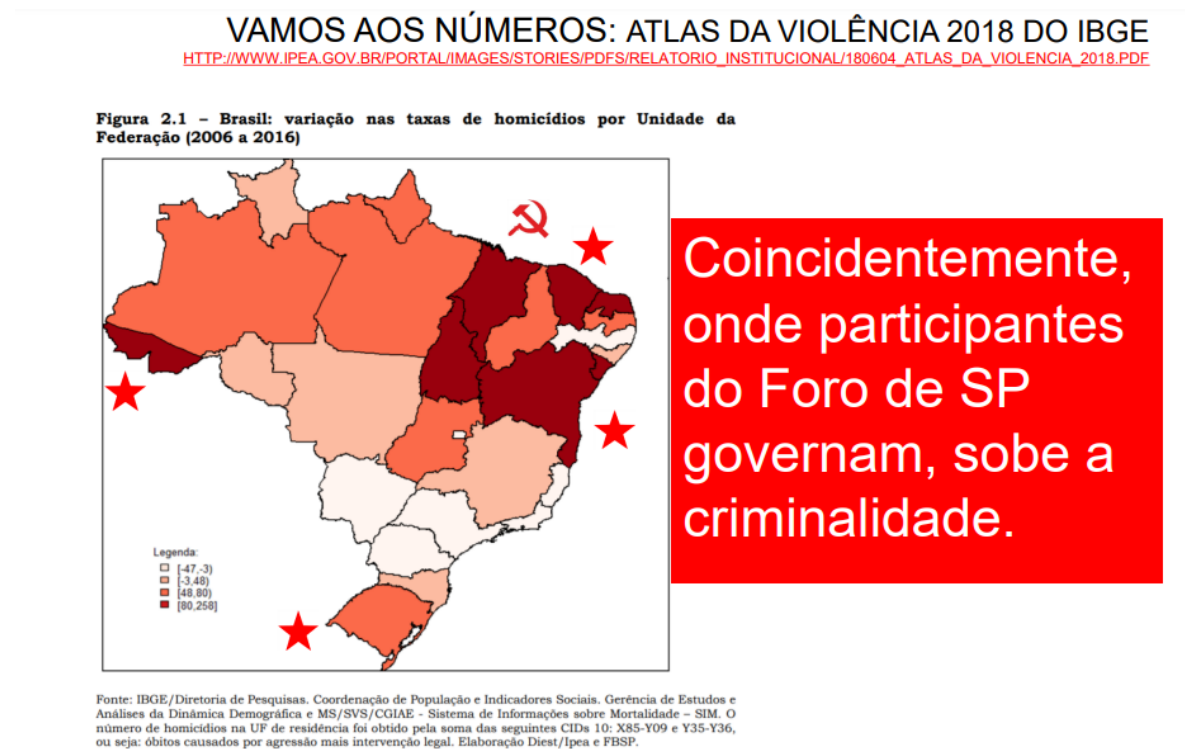
- Nos últimos 30 anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo, se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira.
- Queremos um Brasil com todas as cores: verde, amarelo, azul e branco.

PRECISAMOS NOS LIBERTAR!

VAMOS NOS
LIBERTAR!

Fonte: TSE.

Figura 16: Referência à teoria conspiratória do Foro de São Paulo no plano de governo de Jair Bolsonaro em 2018.



Fonte: TSE.

4.3 OS MÉRITOS DOS INSTITUTOS PARCEIROS DA ATLAS NETWORK

Para além da mudança no ambiente político e as medidas liberalizantes adotadas, os impactos da atuação desses institutos na divulgação e defesa dos ideais liberais resultaram, ademais, em um vínculo direto entre pessoas atuantes no movimento e o governo federal. No quadro abaixo, é possível observar nomes de figuras que ocuparam cargos no governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) vinculados aos institutos liberais.

Quadro 8 - Dirigentes de institutos liberais e seus vínculos com o governo Bolsonaro

Quadro 3: Lista de dirigentes de institutos liberais e seus vínculos com o governo Bolsonaro

Nome	Instituto(s)	Ocupação no Gov. Bolsonaro
Adolfo Sachsida	Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ)	Secretário de Política Econômica
Adriano Paranaíba	Instituto Mises Brasil	Subsecretário de Competitividade e Melhoria Regulatória do Ministério da Economia
Bernardo Santoro	IL-RJ, Instituto Millenium (Imil), Instituto Mises Brasil, Centro Mackenzie de Liberdade Econômica	Assessor presidência
Daniel Alvão	Imil	Analista de Políticas Sociais
Geanluca Lorenzon	EPL e Instituto Mises Brasil	Secretário de Defesa da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia e Diretor Federal de Desburocratização
Gustavo Maultasch	Instituto Mises Brasil e EPL	Chefe dos Setores de Administração e Vistos (Consulado Geral do Brasil em Washington, DC); Chefe da Divisão de Tecnologia da Informação
Lucas Fiuza	Instituto Mises Brasil (SP)	Secretário Nacional de Atração de Investimentos, Parcerias e Concessões e Coordenador-Geral de Fomento ao Empreendedorismo, Atração de Investimentos e Fugetur
Marcos Cintra	Imil	Secretário especial da Receita Federal
Marcos Troyjo	Imil	Vice-Ministro da Economia para Comércio Exterior e Relações Internacionais e Presidente do New Development Bank BRICS
Paulo Guedes	Imil	Ministro da Economia
Paulo Uebel	Instituto de Estudos Empresariais, Instituto Líderes do Amanhã (ES) e Instituto de Formação de Líderes (IFL-SP e MG)	Secretário Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia
Ricardo Vélez	IL-RJ	Ministro da Educação
Salim Mattar	IFL-MG e Imil	Secretário Especial de Privatizações
Samuel Kinoshita	Imil	Assessor Especial do Ministro da Economia

Fonte: Elaboração própria.

Fonte: VIDAL; LOPEZ, 2022.

No ano de 2018, dois terços dos 513 deputados federais eleitos e reeleitos se apresentavam como empresários e profissionais liberais (DAMÉ, 2018). Já na eleição realizada em 2022, o Partido Liberal obteve 99 representantes na Câmara de Deputados e compôs a maior bancada na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (BATISTA, 2023). O sucesso do Partido NOVO ao eleger um governador (Romeu Zema- MG), eleger 3 deputados federais e 5 estaduais, mesmo tendo sido fundado apenas em 2015, é exemplo do êxito na divulgação dos ideais liberais para a população, permitindo a formação de uma bancada direcionada para aplicação dessas políticas: a Frente Parlamentar pelo Livre Mercado. A FPLM é apoiada pelo Instituto Livre Mercado, uma organização fundada em 2020 para promover a defesa da Economia de Mercado dentro do Congresso Nacional. Dentre os integrantes do Instituto Livre Mercado, destaca-se Lucas Berlanza, jornalista e atual presidente do IL-RJ (ILM, 2023).

Outra figura notória do movimento liberal, o deputado Marcel van Hattem (NOVO-RS), é o atual presidente da FPLM e também vice-líder da oposição na Câmara. Ao ser entrevistado pelo portal Gazeta do Povo (um dos veículos pró-liberdade mencionados por Alejandro Chafuen), Van Hattem aponta prováveis dificuldades em aprovar as pautas da FPLM em meio ao novo governo Lula: “É claro que nós vamos ter mais dificuldades agora, pois quem é liberal é, por natureza, oposição a um governo estatista e socialista. Então, nós temos um desafio maior agora, o que nos faz também, obviamente, trabalhar ainda mais pelas pautas que nós acreditamos, para que elas sejam emplacadas e, na pior das hipóteses, não haja retrocesso” (COSTA, 2023).

A mudança de governo após a saída de Bolsonaro e o novo mandato de Lula em 2023, representa um cenário “desanimador” para o deputado federal Gilson Marques (Novo-SC), coordenador da FPLM. Gilson Marques afirma: “Saímos de um ambiente em que era possível apresentar e até aprovar pautas propositivas, como a [a lei da] liberdade econômica, a [reforma da] Previdência, e algumas privatizações, ainda que tímidas. E vamos para um cenário em que ficaremos com o freio de mão [puxado]” (COSTA, 2023).

O deputado federal Jerônimo Goergen (PP-RS), Coordenador da frente e relator da PEC que originou a Lei da Liberdade Econômica, em entrevista ao mesmo portal, pontuou a diferença de cenário após a chegada do PT ao poder, com foco na “contenção de danos” ou seja, impedir a revogação das leis e reformas liberais implementadas no governo Bolsonaro (COSTA, 2023). A contenção de danos terá como objetivo barrar a revogação da Lei das Estatais e a reforma trabalhista, responsável pelo aumento do trabalho informal e precarizado nos últimos anos (KONCHINSKI, 2022). Ademais, essa orientação também se direciona em impedir certas políticas governistas de avançarem no legislativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto na primeira parte desta monografia, o cenário de crise econômica global foi catalisador para instabilidades políticas e para o retorno de discursos de cunho autoritário. A combinação do conservadorismo político com o receituário econômico neoliberal produziu um movimento globalizado, em que a nova direita foi gestada e alcançou enorme relevância política em vários países, incluindo o Brasil (BROWN, 2019). A reprodução e difusão do discurso liberal como solução para as crises do capitalismo é um fenômeno observável desde o pós-Segunda Guerra Mundial, sendo acompanhado pelo florescimento dos think tanks, focados em estudos de políticas públicas e na divulgação de suas pesquisas e ideias. Esse número crescente se deve, em grande parte, à atuação da Atlas Network, cujos esforços para criar e auxiliar think tanks liberais no mundo inteiro gerou uma conexão de mais de 500 instituições e inúmeros impactos nas nações hospedeiras.

A Atlas Network se descreve como exclusivamente apoiada por doações de indivíduos, empresas e outras instituições, sem qualquer tipo de vínculos com governos. Algumas pesquisas, como as de Luan Correia (2022) e Camila Feix (2022), apontam para a direção oposta, em que uma contribuição de órgãos governamentais estadunidenses para a Atlas Network ocorre, através de mecanismos burocráticos e repasses indiretos. Essa perspectiva abre margem para novos estudos que aprofundem a compreensão dessas conexões e, dessa forma, em que medida o governo dos Estados Unidos poderia estar utilizando a rede da Atlas Network de forma a interferir na política dos países hospedeiros de institutos parceiros, a fim de salvaguardar seus interesses nacionais.

Sendo meio direto ou indireto de interferência, é inegável que o caso brasileiro se apresenta como um caso de sucesso no que diz respeito ao impacto na opinião pública, na conquista de novos meios de comunicação e, principalmente, do aparato estatal em si. Com o suporte da Atlas, os institutos liberais brasileiros alcançaram posição de autoridade, relevância e notoriedade pública, formando líderes que influenciam o cenário político nacional. Esses líderes, que possuem engajamento expressivo nas mídias sociais e alguns com candidaturas bem-sucedidas (como Kim Kataguirí), demonstram a capacidade de repercussão dessas ideias e do resgate da ideologia neoliberal, especialmente através de líderes da juventude.

Os institutos liberais se “vendem”, para os seus mantenedores, através da demonstração do impacto de sua atividade nas políticas públicas e no cenário político. A Atlas Network, em seu site, reiteradamente exalta a atuação de seus parceiros brasileiros e suas repercussões para o aumento da liberdade econômica no país, inclusive concedendo premiações importantes

para institutos brasileiros. O impacto dos think tanks e suas conexões internacionais, por conseguinte, não deve ser subestimado. A manutenção da hegemonia liberal é, conforme descrito por Stuart Hall (2011), um trabalho que necessita de constante renovação e atenção. Os investimentos nessas instituições, por parte de seus doadores, demonstram a relevância destas neste trabalho contínuo de fabricação de consentimento e apoio para os mecanismos que mais beneficiem a propagação e acúmulo de capital.

REFERÊNCIAS

A carreira de controvérsias de Boris Johnson. **Brasil de Fato**. jul. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/07/a-carreira-de-controversias-de-boris-johnson> . Acesso em: 17 abr. 2023.

AMARAL, Marina. A nova roupa da direita. **Agência Pública**. jun. 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/> . Acesso em: 7 maio 2023.

AMIN, Samir. **Eurocentrism**. Nova York: Monthly Review Press, 2009.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARRIGHI, Giovanni. HEGEMONY UNRAVELING. **New Left Review**, [s. l], v. 33,, p. 1-27, jun. 2005.

ATLAS. **Atlas 1985 video clips**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nW8ukG8WdQg> . Acesso em: 3 maio 2023.

ATLAS NETWORK. **Ahead Of 2023 Latin America Liberty Forum, Atlas Network Announces Finalists For Latin America Liberty Award**. 2023c. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/articles/finalists-for-2023-latin-america-liberty-award> . Acesso em: 4 abr. 2023.

_____. **Atlas Network's Center for Latin America**. 2023b. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/partners/center-for-latin-america>. Acesso em: 12 mar. 2023.

_____. **CEDICE's Openness-Based Approach To Oil Privatization In Venezuela**. 2020. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/articles/cedices-openness-based-approach-to-oil-privatization-in-venezuela> . Acesso em: 8 fev. 2023.

_____. **Instituto Liberal De São Paulo Wins 2023 Latin America Liberty Award**. 2023d. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/articles/ilisp-wins-2023-award> . Acesso em: 12 abr. 2023.

_____. **Livres Wins 2022 Latin America Liberty Award**. 2022. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/articles/livres-wins-2022-latin-america-liberty-award> . Acesso em: 2 maio 2023.

_____. **Students For Liberty Plays Strong Role In Free Brazil Movement**. 2015. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/articles/students-for-liberty-plays-strong-role-in-free-brazil-movement> . Acesso em: 3 fev. 2023.

_____. **WHO WE ARE**. 2023a. Disponível em:
<https://www.atlasnetwork.org/who-we-are> . Acesso em: 8 mar. 2023.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Protestos da direita no Brasil contemporâneo: think tanks, grupos empresariais, intelectuais e aparelhos orgânicos da burguesia. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 36, p. 151-165, jun. 2016.

BATISTA, Matheus. Com maior bancada da Alesp, Partido Liberal aposta no diálogo para a aprovação de propostas. **Alesp Notícias**. mar. 2023. Disponível em:
<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=447944> . Acesso em: 6 maio 2023.

BBC. Eleições 2022: o que Lula disse sobre mensalão e petrolão. **BBC News Brasil**. out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63404286> . Acesso em: 18 mar. 2023.

BEIRICH, H.; POTOK, M.. USA: hate groups, radical-right violence, on the rise. **Policing**, [S.L.], v. 3, n. 3, p. 255-263, 1 jan. 2009. Oxford University Press (OUP).
<http://dx.doi.org/10.1093/police/pap020> .

BLUNDELL, John. **Waging the War of Ideas**. Londres: The Institute Of Economic Affairs, 2007.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2012.

BOOTH, Ken. SECURITY AND SELF REFLECTIONS OF A FALLEN REALIST. In: STRATEGIES IN CONFLICT: CRITICAL APPROACHES TO SECURITY STUDIES, 26., 1994, Toronto. **YCISS Occasional Paper Number 26 October 1994**. Yciss, 1994. v. 26, p. 1-26.

BROWN, Wendy. **In the Ruins of Neoliberalism**. Nova York: Columbia University Press, 2019.

BRUFF, Ian; BURAK TANSEL, Cemal. Authoritarian neoliberalism: trajectories of knowledge production and praxis, **Globalizations**, 16:3, 233-244, 2019. DOI: 10.1080/14747731.2018.1502497

BRUM, Luan Correa. **O PODER DAS IDEIAS E A CONSOLIDAÇÃO DOS INSTITUTOS LIBERAIS PARCEIROS DA ATLAS NETWORK NO BRASIL: UMA ANÁLISE ACERCA DA ASCENSÃO DE SEUS DIRIGENTES NO GOVERNO BOLSONARO** . 2022. 191 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa De Pósgraduação Em Relações Internacionais , Universidade Federal De Uberlândia, Uberlândia , 2022.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “nova república” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer**: debate entre o público e o privado, [S.L.], v. 10, n. 24, p. 120-140, 20 jan.

2020. O Debate Entre O Público E O Privado.
<http://dx.doi.org/10.32335/2238-0426.2020.10.24.2060>.

CAVALCANTI, Davi Barboza. **QUEM SÃO OS GRUPOS DE DIREITA QUE GANHARAM AS RUAS DO PAÍS: uma análise de redes com ênfase nos atores e nas pautas do Movimento Brasil Livre e do Vem pra Rua**. 2019. 106 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

CEDES. **SOBRE CEDES**. Disponível em: <https://www.cedes.org/sobre-cedes/> . Acesso em: 23 abr. 2023.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 40, 2 set. 2018. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2018v23n2p40>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801> . Acesso em: 20 fev. 2023.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. 3.ed. Brasília: UnB, 2010. 560p. ISBN: 9788523009267.

CHAFUEN, Alejandro. The New Brazil: Philosophical Divisions Should Not Hinder Bolsonaro's Free Society Agenda. **Forbes**. fev. 2019. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/alejandrochafuen/2019/02/19/the-new-brazil-philosophical-divisions-should-not-hinder-bolsonaros-agenda/?sh=1d0e110a47ec> . Acesso em: 23 abr. 2023.

CHALOUB, Jorge; LIMA, Pedro; PERLATTO. Direitas no Brasil contemporâneo. **Teoria e Cultura**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 9-21, dez. 2018.

CHASE-DUNN, Christopher; TAYLOR, Peter; ARRIGHI, Giovanni; COX, Robert; OVERBEEK, Henk; GILLS, Barry; FRANK, Andre Gunder; MODELSKI, George; WILKINSON, David. Hegemony and Social Change. **Mershon International Studies Review**, [S.L.], v. 38, n. 2, p. 361, out. 1994. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.2307/222747>.

COCKETT, Richard. **Thinking the unthinkable: Think-tanks and the economic counter-revolution 1931-1983**. Harper Collins, 1995.

COLOMBO, Sylvia. AMIGOS: Thatcher se encontra com Pinochet. **Folha de São Paulo**. Londres. mar. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft27039912.htm> . Acesso em: 6 maio 2023.

CORSI, Francisco. A política econômica do governo Dilma: baixo crescimento e recessão. **Revista Novos Rumos**, [S.L.], v. 53, n. 1, p. 153-165, 30 jun. 2016. Faculdade de Filosofia e Ciências. <http://dx.doi.org/10.36311/0102-5864.2016.v53n1.09.p153>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/8495> . Acesso em: 20 abr. 2023.

COSTA, Rodolfo. Bancada liberal no Congresso se divide entre flexibilização e oposição a Lula. **Gazeta do Povo**. abr. 2023. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/bancada-liberal-no-congresso-se-divide-entre-flexibilizacao-e-oposicao-a-lula/> . Acesso em: 2 maio 2023.

DAMÉ, Luiza. Empresários e profissionais liberais são maioria na nova Câmara. **Agência Brasil**. Brasília. out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/empresarios-e-profissionais-liberais-sao-maioria-na-nova-camara> . Acesso em: 15 maio 2023.

DREIFUSS, René Armand. 1964: A Conquista do Estado: Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Petrópolis: Vozes, 1981. 814 p.

EATWELL, Roger. The Rebirth of The "Extreme Right" in Western Europe? **Parliamentary Affairs**. v. 53, p. 407-425, jan. 2000.

ENGELS, Friedrich. III - O Materialismo Histórico. In: ENGELS, Friederich. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. São Paulo: Edipro, 2017.

FISCHER, Karin. A Rede Atlas: Espalhando think tanks de livre mercado pelo mundo.

FOUCAULT, Michel. Aula de 21 de Março de 1979. In: FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: Curso dado no Collège de France(1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 329-363.

FUCS, José. 20 medidas de liberalização econômica adotadas no governo Bolsonaro. **Estadão**. dez. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/20-medidas-de-liberalizacao-economica-paulo-guedes/> . Acesso em: 4 maio 2023.

GILL, Stephen. Globalisation, Market Civilisation and Disciplinary Neoliberalism. **Journal Of International Studies**, v. 24, n. 3, p. 399-423, 1995.

GILL, Stephen. THE CONTRADICTIONS OF US SUPREMACY. **Socialist Register**, [s. l], v. 41, p. 23-45, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Antonio Gramsci**. Recife: Massangana, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: volume 3. Civilização Brasileira, 2000.

GREVEN, Thomas. The Rise of Right-wing Populism in Europe and the United States.

Friedrich-Ebert-Stiftung, maio 2016. Disponível em: <https://dc.fes.de/news-list/e/the-rise-of-right-wing-populism-in-europe-and-the-united-states/> . Acesso em: 5 mar. 2023.

GROS, Denise B.. Institutos liberais, neoliberalismo e políticas públicas na Nova República. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 19, n. 54, p. 143-159, fev. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092004000100009> . Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YMpgHFwNB8qgDstVdtHVHDr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2023.

HALL, Stuart. THE NEO-LIBERAL REVOLUTION. **Cultural Studies**, [S.L.], v. 25, n. 6, p. 705-728, 17 out. 2011.

IEA. **About Us**. Disponível em: <https://iea.org.uk/about-us> . Acesso em: 12 abr. 2023.
In: Diálogo Global. v. 8, Agosto de 2018, p. 1012.

ILM. **QUEM SOMOS**. 2023. Disponível em: <https://livremercado.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 17 maio 2023.

INESC. **Sobre o Inesc**. Disponível em: <https://www.inesc.org.br/quem-somos/sobre-o-inesc/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis; VADELL, Javier. Da nova economia do projeto à globalização instituída pela China. **Estudos Internacionais**: revista de relações internacionais da PUC Minas, [S.L.], v. 9, n. 4, p. 90-105, 10 jan. 2022. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://dx.doi.org/10.5752/p.2317-773x.2021v9n4p90-105> . Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/25823>. Acesso em: 24 mar. 2023.

KÁTIA GERAB BAGGIO, 2016, Campo Grande. **Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino americanas**. Campo Grande: Anphlac, 2016.

KELLY, Annie. The alt-right: reactionary rehabilitation for white masculinity. **Soundings**, v. 66, p. 68-78, jun. 2017. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/content/lwish/sou/2017/000000066/00000066/art00006.jsessionid=3phstkav56v91.x-ic-live-01> . Acesso em: 11 mar. 2023.

KONCHINSKI, Vinicius. Com combustível caro, Petrobras vira a empresa que mais paga acionistas no mundo. **Brasil de Fato**. Curitiba,. out. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/24/com-combustivel-carro-petrobras-vira-a-empresa-que-mais-paga-acionistas-no-mundo>. Acesso em: 21 abr. 2023.

_____. Reforma trabalhista completa 5 anos com piora de empregos e promessa de revisão. **Brasil de Fato**. Curitiba. nov. 2022. Disponível em: Reforma trabalhista completa 5 anos com piora de empregos e promessa de revisão. Acesso em: 2 maio 2023.
2020.

KONDER, Leandro. A Ideologia em Gramsci. In: KONDER, Leandro. **A questão da Ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 109-111.

LEITE, Pedro Dias. Nossa derrota serviu de exemplo político, dizem ex-mineiros grevistas. **Folha de São Paulo**. Barnsley. maio 2009. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0305200914.htm> . Acesso em: 1 maio 2023.

LOPES, Leo. Lula critica uso do dólar e defende moeda única para transações entre países dos Brics. **CNN**. abr. 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/lula-critica-uso-do-dolar-e-defende-moeda-unica-para-transacoes-entre-paises-dos-brics/#:~:text=A%20seguir-,Lula%20critica%20uso%20do%20d%C3%B3lar%20e%20defende%20moeda,transa%C3%A7%C3%B5es%20entre%20pa%C3%ADses%20dos%20Brics&text=O%20presidente%20Luiz%20In%C3%A1cio%20Lula,China%20e%20%C3%81frica%20do%20Sul> . Acesso em: 3 maio 2023.

MCGANN, James G.. Think Tanks and the Transnationalization of Foreign Policy. **Foreign Policy**, [S.I.], v. 2, n. 1, p. 85-90, mar. 2003.

MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. W. W. Norton & Company, 2003.

MEDVETZ, Thomas. Think tanks as an emergent field. **The Social Research Council**,

MENDONÇA JÚNIOR, Wilson; FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. A cooperação técnica do Brasil com a África: comparando os governos fernando henrique cardoso (1995-2002) e lula da silva (2003-2010). **Revista Brasileira de Política Internacional**, [S.L.], v. 58, n. 1, p. 5-22, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7329201500101>.

MISHRA, Pankaj. The Rise of China and the Fall of the 'Free Trade' Myth. **New York Times**. fev. 2018. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2018/02/07/magazine/the-rise-of-china-and-the-fall-of-the-free-trade-myth.html> . Acesso em: 22 mar. 2023.

MOURA, Gerson. **Sucessos e ilusões. Relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

MÜLLER, Bruno Raphael. Estudantes Pela Liberdade desafia hegemonia da esquerda.

Gazeta do Povo. jun. 2017. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudantes-pela-liberdade-desafia-hegemonia-da-esquerda-9qk7kw1vsgghnu6ulrnup1s6kq/> . Acesso em: 15 abr. 2023.

PARKER, Phyllis. **1964: o Papel dos Estados Unidos no Golpe de Estado de 31 de Março**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

PASTORE, Bruna. Complexo IPES/IBAD, 44 Anos Depois: Instituto Millenium? Aurora, Marília, v. 5, nº 2, jan-jun 2021. Pp. 57-80

[process/report/wagingthewarideaswhytherearenoshortcuts](#)> Acesso em: 22 agost. 2022.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura, anistia e reconciliação. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, [S.L.], v. 23, n. 45, p. 171-186, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-21862010000100008> . Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/eh/a/gCspSTyRTXfzXMb6mzXND3D/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 fev. 2023.

THATCHER, Margareth. **Correspondência ao Professor F. Hayek**. 1982. Disponível em: <https://c59574e9047e61130f13-3f71d0fe2b653c4f00f32175760e96e7.ssl.cf1.rackcdn.com/3D5798D9C38443C6BD10B1AB166D3CBF.pdf> . Acesso em: 4 maio 2023.

THATCHER, Margareth. **Correspondência para Ralph Harris**. 1979. Disponível em: <https://c59574e9047e61130f13-3f71d0fe2b653c4f00f32175760e96e7.ssl.cf1.rackcdn.com/F7040D8846B9439E9E641A2AB6651F0B.pdf> . Acesso em: 4 maio 2023.

TSE. **O caminho da prosperidade**. 2018. Disponível em: https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf . Acesso em: 3 de abr. 2023.

VIANA, Natalia; MACIEL, Alice; FISHMAN, Andrew. Desde 2015, Lava Jato discutia repartir multa da Petrobras com americanos. **Agência Pública/The Intercept Brasil**. mar. 2020.

VIDAL, Camila. Promovendo a democracia? Uma radiografia do NED para a América Latina. **Sul Global**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 138-172, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/40781> . Acesso em: 9 maio 2023.

VIDAL, Camila Feix; LOPEZ, Jahde. (Re) pensando a dependência latino-americana: atlas network e institutos parceiros no governo bolsonaro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S.L.], n. 38, p. 1-40, 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-3352.2022.38.255192>.

VIGEVANI; CEPALUNI. A Política Externa de Lula da Silva: A Estratégia da Autonomia pela Diversificação. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, vol. 29, no 2, julho/dezembro 2007, p. 273- 335.

WALLERSTEIN, Immanuel. SEMI-PERIPHERAL COUNTRIES AND THE CONTEMPORARY WORLD CRISIS. **Springer**, Nova York, p. 461-483, 1976.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji; MOURA, Julia de Frank. O Brasil a partir do Movimento Brasil Livre: imagens de uma comunidade imaginada. **Comunicologia**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 153-169, jun. 2018.